

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS GOIÁS**

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

NEUZA APARECIDA DE SOUZA

**A RELAÇÃO DA POPULAÇÃO COM O MAPA NA CIDADE DE GOIÁS: a leitura
dos moradores, comerciantes, turistas e dos jovens escolares**

**GOIÁS/GO
2015**

NEUZA APARECIDA DE SOUZA

**A RELAÇÃO DA POPULAÇÃO COM O MAPA NA CIDADE DE GOIÁS: a leitura
dos moradores, comerciantes, turistas e dos jovens escolares**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás/Campus Goiás, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Annyelly Teixeira de Oliveira

**GOIÁS/GO
2015**

Dedico este trabalho à minha mãe, meus filhos, meus netos e meu marido que me incentivaram e que acreditaram no meu trabalho e na minha capacidade de concluir este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelos dias de vida que me oferecestes para lutar pelos meus ideais.

Ao meu pai Jovino Bernardes de Souza (em memória).

A minha mãe, Lourdes Maria que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos além de me conduzir pelo caminho que ela achava o mais correto.

A minha irmã Maria Inez, que sempre me incentivou e apostou que eu chegaria lá. Apoiando-me e ensinando a sonhar com o coração.

Aos meus filhos Jhonathan, Jadson e Jefferson.

Ao meu esposo Breuler que me apoiou sempre

A minha ex-orientadora, professora Ms Auristela Afonso da Costa pelo incentivo do tema escolhido.

A minha orientadora Dra. Karla Annyelly, pelo incentivo e confiança, orientação e ensinamentos e as broncas e pela paciência ao longo deste trabalho.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Geografia, pelos ensinamentos transmitidos até o momento, que contribuíram ao longo deste trabalho.

A minha amiga Luciley Oliveira que sempre acreditou que era possível esse sonho realizar.

Aos entrevistados, comerciantes, moradores, turistas, e alunos, que foram essenciais para o levantamento de dados para a pesquisa.

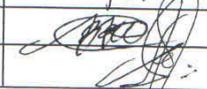
A todos os meus amigos de Geografia que sempre me incentivaram para que eu chegasse até aqui.

ATA DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA 09/12/2015 às 18h30
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSO: GEOGRAFIA	INÍCIO: 15:00	TÉRMINO: _____	DATA: 10/12/2015
------------------	---------------	----------------	------------------

1- IDENTIFICAÇÃO DA ALUNA: NEUZA APARECIDA DE SOUZA	MATRICULA Nº: 02010002042
-----------------------------------------------------	---------------------------

2- TÍTULO DO TRABALHO: A RELAÇÃO DAS PESSOAS DA CIDADE DE GOIÁS COM O MAPA

3- COMISSÃO EXAMINADORA:		
NOME	FUNÇÃO	ASSINATURA
Profª. Drª. Karla Annyelly Teixeira de Oliveira	Orientadora	
Prof. Me. Jean Molinari	Examinador	
Prof. Me. José Alberto Evangelista de Lima	Examinador	

4- RESULTADO: A comissão examinadora, em <u>10</u> / <u>12</u> / 2015 após exame da apresentação da monografia, decidiu:	<input checked="" type="checkbox"/> pela aprovação <input type="checkbox"/> pela aprovação com revisão técnica <input type="checkbox"/> pela reformulação de conteúdo <input type="checkbox"/> pela reprovação
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5- OBSERVAÇÕES:

_____ //

Nota: 8,0

Goiás 10 / 12 / 2015.

Assinatura da Presidente da comissão examinadora: Karla Annyelly B. de Oliveira

Assinatura do(a) Aluno(a): Neuza Aparecida de Souza

RESUMO

O conhecimento do homem sobre o espaço geográfico é o orientador de como ele se locomove e se relaciona com esse espaço. Para essa aquisição, é importante que se adquiram previamente algumas noções de aspectos dos quais se ocupa a Geografia: a cartografia é um deles, e é a partir dela que se torna possível organizar, no plano das ideias, os mapas mentais para orientar e situar as pessoas nos espaços de sua vivência. Pesquisa de campo realizada com moradores e comerciantes da cidade de Goiás, turistas e também com estudantes do Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado revela que todos eles se orientam utilizando esse conhecimento. Aplicou-se um questionário sobre a utilização e o conhecimento de mapas, bem como solicitou-se para que desenhassem mapas mentais representando o trajeto Praça do Coreto-Mercado Municipal, com o objetivo de obter material para análise.

Palavras-Chave: Geografia. Cartografia. Mapa mental. Localização Espacial.

ABSTRACT

The knowledge of man over geographical space is the guiding how he moves around and relates to that space. For this acquisition , it is important to previously acquire some knowledge of aspects of which deals Geography : mapping is one of them , and it is from there that it is possible to organize , in terms of ideas , the mental maps to guide and place people in positions of his experience . Field research conducted with residents and merchants of the city of Goiás, tourists and also with students from Application State School Professor Manuel Whitewashed reveals that all of them are oriented using this knowledge . Applied a questionnaire on the use and knowledge of maps and asked to them to draw mental maps representing the path of the Municipal Square Bandstand - Market, in order to obtain material for analysis.

Keywords: Geography. Cartography. Mental map. Space location

LISTA DE QUADROS E MAPAS

Quadro 1	Resultado do uso dos mapas pelos moradores da cidade de Goiás-GO de 2015.	25
Quadro 2	Mapas utilizados pelos moradores de Goiás para fazer alguma viagem ou percurso.	26
Quadro 3	Lugares freqüentados em Goiás pelos moradores.	27
Mapa mental 1 - Morador 2	Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás - GO	28
Mapa mental 2 - Morador 4	Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	29
Mapa mental 3 - Morador 5	Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	30
Mapa mental 4 - Morador 1:	Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.	31
Mapa mental 5 - Morador 3	Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás- GO	31
Quadro 4	Resultado do uso dos mapas pelos comerciantes da cidade de Goiás/GO de 2015	33
Mapa mental 1 – Comerciante	Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	35
Mental 2 – Comerciante	Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	35
Mapa mental 3 – Comerciante	Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	36
Mapa mental 4- Comerciante	Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	36
Mapa mental 5 - Comerciante	Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	37
Quadro 5	Resultado do uso dos mapas pelos turistas	38
Quadro 6	Indicador da faixa etária dos turistas entrevistados	38

Mapa mental 1 – turista 1	Percorso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	40
Mapa mental 2 - Turista 2	Percorso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	40
Mapa mental 3 - Turista 3	Percorso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.	41
Mapa mental 4 - Turista 4	Percorso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	41
Mapa mental 5 – Turista 5	Percorso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO	42
Quadro 7	Resultado do uso dos mapas pelos estudantes da Cidade de Goiás-GO, 2015.	43
Quadro 8	Indicador dos bairros de origem dos estudantes pesquisados	44
Mapa mental 1 – Aluno 1	Percorso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	45
Mapa mental 2 - Aluno 2	Percorso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	46
Mapa mental 3 – Aluno 3	Percorso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	47
Mapa mental 4 – Aluno 4	Percorso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	47
Mapa mental 5 – Aluno 5	Percorso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA NA LEITURA DO ESPAÇO	12
1.1 A Importância Histórica do Mapa na Leitura do Espaço	13
2 A CARTOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO DE GEOGRAFIA	18
2.1 Cartografia como um Caminho para a Compreensão do Espaço	20
3 O USO DO MAPA PELA POPULAÇÃO NA CIDADE DE GOIÁS	24
3.1 A Relação dos Moradores da Cidade de Goiás com o Mapa	24
3.2 A Relação dos Comerciantes da Cidade de Goiás com o Mapa	33
3.3 A Relação dos Turistas na Cidade de Goiás com o Mapa	36
3.4 A Relação dos Jovens Escolares da Cidade de Goiás com o Mapa	43
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

O presente estudo possui como objetivos apresentar e discutir a importância da utilização dos mapas mentais, com o intuito de contribuir para as aprendizagens relacionadas ao cotidiano e ao espaço no qual as pessoas vivem. Sejam elas moradores, comerciantes, turistas etc. No caso em questão, essas categorias pesquisadas para este estudo têm origem ou relação com a cidade de Goiás.

Veremos que os mapas mentais têm suma importância e podem ser entendidos como produtos de experiências que se dão em contato com o meio de vivência. É nessa perspectiva que abordaremos a importância do conhecimento e do domínio da cartografia como orientadores do homem e da locomoção no espaço físico, entendendo a sua relevância para os moradores, comerciantes, estudantes e os visitantes da cidade de Goiás, bem como o papel da articulação e do diálogo com os mapas no cotidiano dessas pessoas.

Sobretudo, este estudo mostrará que a utilização do conhecimento cartográfico serve à locomoção do homem no espaço urbano local, uma vez que esta cidade foi criada sem planejamento geográfico, quando a população carece de usar a cartografia para conhecer os limites e as ruas que compõem o seu traçado.

Assim, este trabalho se divide em quatro capítulos. No primeiro, veremos a importância da cartografia para a leitura do espaço e para que as pessoas tenham uma noção do mundo a partir do conhecimento desse recurso utilizado pela Geografia. As contribuições para as discussões neste capítulo são de autores como Lima (2000), Duarte (1994), Passini (1994), Francischetti (2010), entre outros.

No capítulo 2, será discutido o papel do mapa mental na marcação do espaço físico/urbano, a fim de que, a partir dessa imagem formulada no plano da ideia oriente as pessoas na sua locomoção. Nesse sentido, a cartografia constitui um instrumento norteador do espaço, foco do nosso trabalho.

O terceiro capítulo descreve uma pesquisa de campo realizada com três categorias de pessoas pesquisadas: moradores da cidade de Goiás, comerciantes dessa mesma localidade e turistas que para aqui vêm em busca de lazer e conhecimento. Nesta parte do trabalho, serão descritos os resultados da pesquisa a partir de desenho de mapas mentais feitos por eles também. Nesse caso, os mapas mentais representam um percurso compreendido entre a Praça do Coreto e o Mercado Municipal, na cidade de Goiás.

O capítulo 4 trata de uma análise do resultado da pesquisa com as quatro categorias, mostrando a relação de todas as pessoas pesquisadas no sentido de sua compreensão do uso do mapa como marcador cartográfico que orienta o homem no espaço em que vive. Tratar-se-á, então, de um estudo sobre as relações das pessoas com os espaços de sua vivência e de como elas se orientam para se locomoverem nos seus meios.

1 A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA NA LEITURA DO ESPAÇO

Este capítulo constitui um corpus teórico composto de considerações sobre como as necessidades humanas encontram, no conhecimento da Geografia, condições para se localizar no espaço, a fim de adaptar-se às situações que encontra frente à jornada pela sobrevivência. O objetivo deste trabalho é, sobretudo, conhecer a cartografia, bem como a sua importância na vida do homem. Para isso, buscou o conhecimento teórico nas contribuições de autores como Lima (2000), Duarte (1994), Souza (1999), entre outros, cujas contribuições nos levam a conhecer quão indispensável é o conhecimento da Geografia e da cartografia para a nossa localização e sobrevivência no espaço. Nessa direção, discutiu também sobre a importância do mapa para o reconhecimento histórico.

Entre tantas ramificações ou tantos aspectos de que a Geografia como ciência ocupa a orientação do homem ao se movimentar pelo espaço sempre foi uma preocupação do homem. Seja para evadir-se de uma local a outro por motivos tais como encontrar lugares mais seguros para abrigar-se ou encontrar alimentos, proteger-se de intempéries, os grupos humanos sempre se orientaram por meio da adoção de recursos como a busca do conhecimento: identificação de características peculiares tais como a depressão dos terrenos, os vales, os rios, os platôs, as montanhas etc.

Lima (2000), em artigo de título ressalta que:

Os dez mandamentos para se ler um mapa”, ainda não publicado, corrobora com essa ideia e nos apresenta um breve histórico da cartografia, dizendo que, sob a ótica da Geografia e da Astronomia, desde os primórdios da espécie humana, orientar-se no espaço constituiu uma das grandes preocupações do homem. O autor ainda nos lembra que, no decorrer do tempo, muitas necessidades moveram a atividade humana: traçar rotas comerciais, localizar recursos no subsolo e tantas outras necessidades. Assim, a cartografia adquire seu lugar de importância, à medida que nos fornece os instrumentos necessários para nos orientar na localização.

Em termos de conceito, Lima (2000) nos mostra que, no século XX, em Londres, na Inglaterra, no ano de 1964, houve o Congresso Internacional de Geografia. Ali, a Associação Cartográfica Internacional adotou uma definição para a Cartografia:

Conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentação, com vistas à elaboração e preparação de cartas, planos e outras formas de expressão, bem como sua utilização. (LIMA, 2000, s/p.)

Nessa perspectiva descrita por Lima, constatamos que a Cartografia se constrói com ciência e arte. O autor esclarece que, na condição de ciência, a Cartografia representa aspectos naturais e artificiais da superfície terrestre e, por isso mesmo, requer o desenvolvimento de conhecimentos específicos, de campo e laboratoriais. Como arte, os mapas apresentam aspectos estéticos, simbólicos, harmônicos entre si, a fim de agradar ainda às vistas de quem os utiliza.

Neste sentido, o tópico a seguir apresenta uma discussão sobre quais sentidos tem o mapa para o reconhecimento histórico, e as contribuições teóricas utilizadas são de Duarte (1994), Souza (1999), dentre outros.

1.1 A Importância Histórica do Mapa na Leitura do Espaço

Pode-se dizer que para a nossa localização no espaço, sempre tivemos o auxílio de um “mapa”. Antes de ser conhecido como é hoje, por meio de cartas, o “mapa” se desenhava na nossa mente, a partir de informações e conhecimento do espaço. “A história dos mapas confunde-se com a história da humanidade, sendo assim um dos mais apaixonantes temas, dadas as surpresas reveladas a cada documento utilizado” (DUARTE, 1994, p. 16). Assim, há tempos o homem faz uso do mapa com o objetivo de armazenar os conhecimentos acerca da superfície da Terra, buscando ainda conhecer e usar o espaço de sua vivência, sua morada.

Porém, por causa das técnicas rudimentares do passado, abria-se o horizonte para a Cartografia que temos hoje, compreendida como uma ferramenta indispensável à administração espacial ao homem moderno.

Ainda de acordo com Duarte é preciso nos alertar para a idéia de que:

Ao tratarmos da História da Cartografia, devemos ter o cuidado de evitar transmitir apenas uma visão ocidentalizada, isto é, eurocêntrica, pecando por não reconhecer a grande diversidade de formas e representações do espaço no mosaico universal de culturas. Cada sociedade, refletindo determinados aspectos culturais, tem ou teve alguma forma de perceber e de produzir imagens espaciais (DUARTE, 1994, p. 17).

A respeito do que disse Duarte, podemos dizer que os mapas constituem uma forma de poder e saber, uma visão, uma ideia, uma noção do mundo. Por isso, cada sociedade, com suas formas de conhecer, reproduz, ao seu modo, o seu espaço. Exemplo disso são as representações simbólicas adotadas cartograficamente ou por meio de outras marcações como os desenhos.

Duarte (1994) ainda nos faz saber que o mapa mais antigo identificado pela história era uma placa de argila do tamanho da palma da mão. Foi encontrado na Mesopotâmia e representava o rio Eufrates, com acidentes geográficos adjacentes ao seu leito. Outro mapa também encontrado teria sido confeccionado a partir de tiras de vegetal, ilustrando uma área formada pelas Ilhas Marshal, no Oceano Pacífico, a nordeste da Austrália. Nesse mapa, algumas conchas presas às tiras de vegetal simbolizavam as ilhas, e o mapa foi atribuído aos moradores indígenas da região retratada, conclui Lima.

O mesmo autor também declara que alguns mapas antigos sofreram influências da religiosidade, tal como o Mapa Cristão do século XV, mostrando a Arca do Dilúvio encalhada no Monte Ararat.

Outros povos como os chineses legaram ao mundo o seu conhecimento. Naquela sociedade, os governantes se preocupavam com o mapeamento de suas riquezas naturais, a fim de cadastrar, demarcar as fronteiras e conservar os recursos hídricos. Duarte nos mostra que um manuscrito chinês de 5,60m de comprimento e 20,5 cm de largura mostrava o itinerário que percorria desde o porto de Nanquim até o estreito de Ormuz e os portos da costa oriental da África, ilustrando uma rota que perfazia 12 quilômetros.

Já os gregos, de acordo com Duarte (1994), tiveram uma importância ímpar para a Cartografia ocidental. Àquele povo é atribuída a base científica moderna da Cartografia. Foi o grego Erastóstenes que mediu a circunferência da Terra. Contudo, a partir da Idade Média, houve um declínio da Cartografia. Foi naquele período, assegura Lima, que a esfericidade da Terra foi questionada.

Somente a partir das viagens exploratórias em busca de novas terras e suas riquezas, já no Renascimento, a necessidade e a dependência dos mapas cresceram. Por causa das narrativas dos aventureiros viajantes, passou a surgir uma espécie de profissional da confecção de mapas. Assim, a confecção desse instrumento se aprimorou, e o público passou a ter acesso aos mapas. Logo, as viagens de exploração do século XVI passaram a contar com os mapas para que o navegador pudesse chegar às terras longínquas e

desconhecidas, assevera Lima. A partir do conhecimento do espaço físico por meio dos mapas, teve início o desenvolvimento marítimo capital e comercial.

Contudo, no Brasil, foram os portugueses que tiveram uma importância inegável no sentido cartográfico. Em relação a isso, Duarte apud Lima nos diz que:

Com a implantação da Imprensa Régia, começam os trabalhos de edição de mapas nacionais, enquanto que o Real Arquivo Militar estaria responsável pela preservação de nosso acervo, com isso apoiando a impressão de novos mapas, como foi o caso da planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1812 (DUARTE, 1994, p. 38)

As constatações de Duarte revelam que o curso da história de cada povo faz surgir o seu registro, e a Cartografia se aprimora a partir dessa necessidade de construir conhecimento e adquirir informação.

Feito esse panorama sobre a origem, o desenvolvimento e a importância da Cartografia na leitura do espaço, adentraremos um pouco mais neste último aspecto: o mapa, o ensino da Geografia e sua importância. Sabe-se que esse recurso cartográfico é importante no ensino da Geografia, levando em consideração a noção de que a localização dos fatos ou acontecimentos no espaço constitui um referencial indispensável a quem ensina.

O mapa dispõe de informações relativas ao espaço físico, por isso a decodificação das informações nele representadas das paisagens, e isso requer um conhecimento prévio sobre cartografia e seus recursos.

Sobre essa questão, sabemos que “O mapa subsidia a reflexão geográfica, mas não é objeto final: é neste sentido que a sua importância é concreta”. (SOUZA, 1999, p. 07 apud LIMA, 2000). Essa consideração de Souza nos faz crer na ideia de que o mapa não se presta tão somente ao objeto final do ensino. Ele mais que a representação das localidades de ocorrência, à medida que propicia as reflexões sobre tantos aspectos dos fenômenos que compõem o espaço.

Conforme Passini (1994),

O mapa é um recurso de valor, sempre que estejam envolvidas questões que problematizem as ações dos homens no espaço. Pois as relações existentes no espaço geográfico dificilmente são perceptíveis no campo, em sua totalidade, sem a sua representação (PASSINI, 1994, p. 23).

As considerações de Passini (1994) corroboram e reforçam a ideia de que o mapa é um recurso didático que ajuda a resolver questões ligadas ao homem no espaço, bastante útil tanto para o conhecimento próprio, como para a localização de referenciais que se queira identificar.

Portanto, é necessário discutir, analisar o uso e a compreensão do mapa nas práticas educativas, cotidianas e sociais. Dessa forma, teremos maior conhecimento do espaço em que vivemos, pois poderemos nos localizar melhor, além de adquirirmos um aprendizado indispensável à formação pessoal.

Os mapas, as fotografias, os traços, os desenhos, a pintura etc, compõem imagens e como tais pertencem ao mundo da comunicação visual, da comunicação por imagens. E enquanto as representações gráficas englobam especificamente os mapas, os gráficos e as redes (organogramas, dendrogramas, cronogramas e fluxogramas), devem ser construídos como sistemas semiológicos monossêmicos (significado único) para não serem confundidos com os demais modos de expressão da comunicação por imagem, isto é, sistemas semiológicos polissêmicos (significados múltiplos). (FRANSCISCHETT, 2010, p. 49)

Portanto, a linguagem cartográfica é de natureza monossêmica, ou seja, possui apenas um significado e não admite multiplicidade de interpretações. Seu sentido se obtém a partir do alfabeto cartográfico, que obedece a um padrão de normas técnicas.

Ainda para Francischetti (2010, p.52):

As representações gráficas são elaboradas a partir dos elementos básicos: ponto, linha e área, ainda que cada dizer verbal da legenda, em seu último nível de organização, poderá substituir um dizer visual que reportará certas características definidoras de cada unidade de paisagem que está representada no mapa.

Nesse sentido dos signos utilizados pela linguagem cartográfica, há um padrão adotado pelas normas técnicas, portanto, essa linguagem não admite subjetividades de leitura.

De acordo com o que vimos, uma pergunta se faz importante para este estudo: O que significa ler mapas? Embora a resposta já tenha sido desenhada ao longo deste capítulo, é necessário que seja dada uma ênfase a ela. Por isso, nos reportamos a Almeida e Passini (1994), cujas ideias nos levam à noção de que um mapa não é apenas um instrumento de localização de um rio, uma cidade, estrada ou qualquer outro fenômeno.

Essas autoras descrevem um mapa como uma representação de um dado real, e se vale de um sistema de comunicação semiótico complexo, uma vez que a informação é transmitida e dada por meio de uma linguagem construída com três elementos: sistema de signos, redução e projeção.

Nessa concepção, ler mapas significa adquirir o domínio desse sistema semiótico e dessa linguagem cartográfica. Ao professor de Geografia, ao trabalhar com a Cartografia, cabe preparar o aluno para as questões metodológicas tão importantes quanto as de ensinar a ler e a escrever, bem como a fazer cálculos matemáticos, asseguram Almeida e Passini (1994).

Enfatizando, portanto, a ideia central que se construiu neste capítulo, a Cartografia é importante na leitura do espaço. No capítulo 2, o arcabouço teórico se construirá em torno das discussões sobre qual a função do mapa mental para o conhecimento e a concepção espacial que as pessoas têm do espaço.

2 A CARTOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Neste capítulo, o corpus teórico será estruturado em torno das contribuições de Richter sobre os mapas mentais no ensino de Geografia. Trata-se, portanto, de um capítulo essencialmente conceitual e teórico, cujo objetivo é trazer à compreensão o papel dos mapas mentais para a concepção de espaço que as pessoas têm. De acordo com Richter (2004), esse processo recebe o nome de alfabetização cartográfica, ou seja, constitui o ensino de mapas para escolares, a partir da elaboração de noções espaciais topológicas e projetivas, como esclarece esse autor.

De acordo com Richter (2004), muitos programas curriculares de Geografia, seja na rede pública ou na rede particular de ensino, incluindo as instâncias fundamental, média e superior, têm por objetivo a ampliação do debate e a ênfase na importância da construção de um olhar mais atento às questões que envolvem as transformações do espaço. Esse olhar é direcionado para as condicionantes de natureza política, econômica, físico-natural, social, ambiental, individual, coletiva etc.

Contudo, Richter (2004) questiona se esses objetivos estão de fato materializados nas práticas sociais dos sujeitos que passaram pelos bancos da escola:

Como a Geografia tem se relacionado com um dos seus principais conceitos teóricos, que é o espaço geográfico? Onde se encontra o conceito de espaço no processo de ensino-aprendizagem de Geografia na educação básica? De que modo o professor pode articular a linguagem cartográfica com o estudo da análise espacial? E qual a sua contribuição para a formação do indivíduo? (RICHTER, 2004, p. 98)

Tais questões norteiam as reflexões importantes para o planejamento do professor de Geografia quando se trata de objetivos e elaborar as estratégias/metodologias para ensino desse componente curricular. São questionamentos dessa natureza que direcionam o caminho da prática pedagógica de Geografia.

Alguns problemas no ensino dessa ciência ainda persistem. Entretanto, Richter (2004) busca em Cavalcanti (1998), Callai (2000) e Kaercher (2002) respostas para essa questão. Esses autores realizaram um levantamento criterioso do cotidiano da escola e constatam que algumas situações merecedoras de reformulação ainda se fazem prática nas salas de aula de muitas escolas brasileiras.

Esse equívoco metodológico e no modo de enxergar a Geografia faz dessa ciência apenas mais uma disciplina na escola, com a função de teorizar sobre questões concretas para que o aluno obtenha bons resultados nos vestibulares e nos concursos, tal como asseveram os autores referenciados. Esses aspectos são indicadores da necessidade de procurarmos, sempre mais, as práticas escolares que eliminem as metodologias a serviço da manipulação da compreensão. Nesse sentido, a formação escolar do indivíduo precisa se embasar na transmissão dos saberes que levem à reflexão crítica e transformadora (RICHTER, 2004).

As considerações desse autor são pertinentes á medida que formulamos a ideia de que de nada adianta frequentarmos as salas de aula se ali não encontramos elementos suficientes para que possamos compreender o nosso meio, relacionar os fatos e os fenômenos, a fim de que tenhamos condições de propor e ou executar as transformações necessárias.

Richter (2004) nos diz que, em contrapartida, as discussões acadêmicas nas faculdades de Geografia têm se ampliado consideravelmente nos últimos anos. Isso vem acontecendo, segundo o autor, desde que se instaurou o movimento de renovação da Geografia na década de 1970 a 1980. Esse fato trouxe à frente novos campos de atuação dessa ciência e, simultaneamente, deu-lhe mais consistência como um campo científico. A prova disso é o fato de ter havido o aumento da oferta dos cursos de Geografia na graduação e na pós-graduação.

Embora ainda seja identificado certo descompasso entre os avanços no ensino de Geografia na instância da graduação e na instância da educação básica, parece-nos que uma nova postura tem se iniciado neste último caso, à medida que os professores de Geografia na escola regular são recém-saídos da faculdade ou cursam a instância superior nessa área.

Conforme essas considerações, compreendemos que o conhecimento científico praticado pela Geografia precisa estar presente no ambiente escolar, pois as interpretações mais criteriosas da produção do espaço, bem como o uso dos conceitos geográficos constituem elementos indispensáveis ao significado dos saberes propostos por essa disciplina (RICHTER, 2004).

Ainda de acordo com Richter, a Geografia não se pauta apenas em ampliar o vocabulário do aluno, ensinando-lhe palavras e ou expressões como espaço geográfico, território, região, lugar, paisagem etc. Essa ciência se pauta também e principalmente pela

associação/relação desses saberes na observação na compreensão da realidade cotidiana. Dessa forma, o aluno tem condições de empregar o conhecimento como um instrumento que lhe permite interpretar os contextos responsáveis pela produção do espaço, ao qual está diretamente vinculada a sua vivência.

Postas essas ideias iniciais sobre a Geografia e o ensino dessa disciplina, faz-se necessário que seja posta em discussão a questão central deste trabalho: a Geografia e a compreensão do espaço por meio da cartografia. Trataremos desse aspecto no item subsequente.

2.1 Cartografia como um Caminho para a Compreensão do Espaço

Para o início das reflexões sobre a questão central deste trabalho, é importante que seja posta a seguinte questão, proposta por Richter: Quais são os contextos que podem explicar o distanciamento do ensino de Geografia da análise espacial? Para Richter (2004) a resposta a essa questão passa pelas contribuições de Massey (2008). Essa autora traz indicações importantes de como o conceito de espaço foi tratado pela sociedade. Para Massey, a perspectiva do capital sempre pôs em primeiro plano a questão do tempo, a fim de identificar os atores que pudessem colaborar no ato produtivo do próprio capital na condição de fator econômico e ou cultural.

Essa autora destaca ainda que em muitos estudos científicos, o tempo ganha destaque em detrimento do espaço, que foi analisado como um elemento estático, fechado em si mesmo e inflexível, em oposição à compreensão de que o tempo é aberto, dinâmico e flexível.

Richter (2004) cita Massey (2008) para propor uma relação entre os conceitos de tempo e espaço:

Há uma distinção que precisa ser feita desde o início. Foi argumentado que, pelo menos nos últimos séculos, o espaço tem recebido menos atenção do que o tempo [...]. Frequentemente, advoga-se a “priorização do tempo sobre o espaço”, e isto foi comentado e severamente criticado por muitos. O que me preocupa é o *modo* imaginamos o espaço. Algumas vezes o caráter problemático dessa imaginação resulta, provavelmente, da despriorização – a conceituação de espaço como uma reflexão a *posteriori*, como um resíduo do tempo. No entanto, não se pode dizer que os primeiros pensadores estruturalistas deram prioridade ao tempo, e ainda, ou assim eu devo argumentar, o efeito da sua abordagem foi uma imaginação do espaço altamente problemática (MASSEY, 2008, p. 41). (RICHTER, 2004, p.102).

A autora evidencia, nesse excerto alguns problemas em relação à priorização do estudo do tempo em relação ao estudo do espaço. Enfatiza também algumas questões que devem ser postas ao se questionar o valor do conceito de espaço nos estudos da sociedade. A primeira questão que se põe é que o espaço é um produto das inter-relações em âmbitos global e local. Depois, o espaço é o local no qual as trajetórias coexistem, portanto, ele é o lugar da multiplicidade. E por último, o espaço é um ator em constante construção, declaram os autores referenciados no excerto aqui analisado.

Sob essa perspectiva conceitual do espaço, Moreira (2009, p. 103), citado por Richter (2004), faz algumas análises importantes. Moreira indica que “nem sempre a localização exata de fenômenos compreende a complexidade de um processo, já que o mesmo pode não ter uma base exata, matemática”. Para resolver essa questão, Moreira descreve a postura que precisamos adotar:

De certo modo, isso significa resgatar toda a tradição da geografia como estudo da relação homem-meio, vista agora não mais como embutida numa arquitetura de tempo-espaço matemático-mecânico, em que até hoje teoricamente foi posta, mas na arquitetura holística da espacialidade diferencial, cujo resultado mais claro é fazer do espaço um tecido formado pelo complexo de todas as relações que intervêm na transformação da superfície terrestre como o verdadeiro espaço da sociedade humana. (MOREIRA, 2007, p. 129 apud RICHTER, 2004, p. 103).

Nessa concepção, podemos dizer que a noção de espaço passa pela ideia de um lugar muito além da concepção estática. Ele perpassa as relações homem-meio e por elas é perpassado também, numa simbiose, numa troca/interação que o constrói constantemente.

Santos (2002, p. 104) corrobora com essa ideia, ao dizer que “o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por acontecimentos do passado e do presente”. Nessa direção, entendemos que o trabalho escolar de Geografia deve considerar as categorias forma, função, estrutura e processo no estudo e na compreensão do espaço, porque o homem sempre precisa de orientar-se no espaço em que vive

Callai (2005) explica a análise espacial passa pela leitura da paisagem nos seus diferentes territórios e na investigação acerca da produção do lugar. Não se trata, pois, de um olhar estático sobre uma estrutura estática. Essa concepção obsoleta já não encontra

respaldo da Geografia atual, embora ainda seja identificada em algumas salas de aula, como já se constatou neste trabalho.

Nessa questão do espaço geográfico trabalhado na escola regular, sobretudo na educação básica, é necessário que as práticas de ensino lancem mão do recurso cartográfico para a compreensão espacial. A presença da cartografia nas salas de aula sempre foi significativa, à medida que o mapa é um representante simbólico nessa fase do ensino.

Também citada por Richter (2004), Katuta (2007) salienta a importante integração das variadas linguagens no ensino de Geografia. Essa autora explica que as diversas linguagens precisam ser incorporadas ao processo de aprendizagem, de uma maneira que acabem provocando nos estudantes a reflexão investigativa, ou seja, o docente deve entender que, mais que nunca, é importante fazer uso de metodologias que permitam ao aluno o raciocínio, a análise do espaço a partir desse recurso das linguagens. Katuta (2007) identifica várias linguagens tais como a cartografia, a escrita, a fílmica, a gráfica, a fotográfica, a musical, entre outras.

Para compreender a leitura cultural da cartografia Richter (2004) destaca as ideias de Kozel (2007). Para essa autora o uso da linguagem cartográfica serve também para questionar as formações rígidas que estruturam com frequência o saber. Em síntese, podemos inferir que o uso dessa linguagem nos permite construir novas relações com os conceitos representados por meio dos signos diversos.

Para Richter (2004) no processo de compreensão do espaço geográfico é salutar saber que ele não se faz apenas como um palco no qual acontecem as coisas. Ele contém características e a ação do homem. Ele supõe a sua parte natural, os fatores humanos, os sociais. Sua configuração se dá a partir das relações históricas, de sua expressão pela paisagem, eis aí o espaço geográfico.

A ideia a quer Richter que chegar com essa discussão é que, para que os alunos construam instrumentos para seu raciocínio geográfico, o mapa mental é um importante recurso. Essa linguagem torna-se uma necessidade no ensino de Geografia.

Nesse sentido, Richter destaca a concepção de Harley (1991) para quem os mapas sempre foram imagens mentais, e ainda hoje nós os consideramos uma forma de “ver” (aspas do autor).

Assim, Richter argumenta que ao considerar a origem do raciocínio geográfico, os mapas mentais têm uma contribuição bastante significativa para o desenvolvimento do

ensino de Geografia, porque eles estabelecem o diálogo, a ponte entre os contextos de vivência, envolvendo a realidade com os conteúdos da Geografia.

Desse modo, podemos entender que o raciocínio geográfico envolve a apreensão da realidade a partir de uma perspectiva espacial. Para Cavalcanti (1998) as pessoas desenvolvem práticas espaciais cotidianamente com base em um raciocínio geográfico, o papel do ensino de Geografia na escola é potencializar a formação desse pensamento espacial.

Para Richter os mapas mentais podem revelar a compreensão do raciocínio espacial que as pessoas têm da realidade. Nessa concepção, os mapas mentais constituem uma reprodução da visão dos alunos em relação ao espaço. Isso permite que o docente de Geografia possa identificar as leituras que eles fazem, os lugares mais representativos e reproduzidos e ainda quais lugares/áreas da cidade encontram-se obscuras para os alunos. Alguns podem reproduzir com mais ênfase a área comercial, outros a área de lazer (praças, parques), ou ainda as igrejas, enquanto outros reproduzem as ruas centrais, e assim por diante.

Neste capítulo, as discussões se deram em torno de conceitos e considerações teóricas acerca das noções de espaço a partir da cartografia e dos mapas mentais para a compreensão do mundo.

No capítulo 3, as abordagens serão feitas a partir do uso do mapa e da noção de espaço pelos sujeitos na cidade de Goiás. Tratar-se-á, portanto de um estudo específico, com o objetivo de aproximar as teorias vistas nos capítulos 1 e 2 com a prática do uso dos mapas pelos indivíduos, bem como sua utilização na leitura do mundo.

3 O USO DO MAPA PELA POPULAÇÃO NA CIDADE DE GOIÁS

Neste capítulo, as abordagens serão feitas a partir do uso do mapa e da noção de espaço dos sujeitos da cidade de Goiás. Tratar-se-á, portanto, de um estudo específico, com o objetivo de aproximar as teorias vistas nos capítulos 1 e 2, os quais servirão de sustentação para as considerações a respeito do uso dos mapas pelos indivíduos, bem como sua utilização na leitura do mundo.

Será descrita uma pesquisa de campo realizada com moradores da cidade de Goiás. O instrumento utilizado foi o uso de mapas que representam alguns dos espaços da cidade, e essas representações foram feitas pelos próprios moradores que, abordados para esta pesquisa, se dispuseram a colaborar. As localidades representadas nessas “cartografias” são a Praça do Coreto e seu entorno, escolhidos para fins desta pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram moradores, comerciantes, turistas e alunos do Ensino Médio. Foram utilizados os seguintes procedimentos. Primeiro foi utilizado o mapa-múndi, para que pudessem localizar o continente no qual o Brasil está inserido. Logo após, foi apresentado a eles o mapa da América, para localizar o Brasil. Em seguida, no mapa do país, eles deveriam localizar o Estado de Goiás. Em seguida foi aplicado um questionário com questões sobre a utilização e a importância, bem como a sua relação com os mapas. A etapa seguinte da pesquisa constituiu os desenhos dos mapas mentais, que foram feitos em uma folha de papel chamex em branco, descrevendo o percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal. Os desenhos constituíram uma amostragem de como as pessoas situam o espaço de conhecimento e de vivência, adotando a marcação cartográfica mental.

Os tópicos seguintes apresentam a relação das pessoas na cidade de Goiás com os mapas e com o espaço.

3.1 A Relação dos Moradores da Cidade de Goiás com o Mapa

Para a realização da pesquisa de campo, escolheu-se a Praça do Coreto da cidade de Goiás para a solicitação da colaboração de transeuntes que tivessem a disponibilidade de nos ajudar na realização do estudo aqui proposto: por meio de mapas mentais, situar/representar o espaço no entorno da praça central, a fim de identificar como acontece essa relação do indivíduo com a representação “cartográfica” do meio em que vive. Foram escolhidos cinco moradores da cidade de Goiás, cinco comerciantes, cinco estudantes,

todos residentes locais, e cinco turistas de municípios diferentes, os quais receberam folhas de papel chamex em branco para representar o trajeto compreendido entre a Praça do Coreto e o Mercado Municipal a partir de mapas mentais.

O Quadro 1 mostra o resultado da pesquisa em relação à compreensão dos entrevistados acerca do conhecimento que eles têm sobre as representações espaciais por meio dos mapas. Das cinco pessoas pesquisadas, três responderam “sim” quanto a saber a localização do continente americano no mapa-múndi; somente um deles respondeu não saber, e outro não respondeu. Quanto a localizar o país no continente americano, todos os entrevistados responderam “sim” em relação a conhecer a sua localização. Às demais questões (localização do Estado de Goiás no mapa do Brasil e da cidade de Goiás no mapa do Estado de Goiás), os cinco entrevistados disseram “sim”.

Quadro 1 - Resultado do uso dos mapas pelos moradores da cidade de Goiás-GO de 2015.

Mapas	Respostas por Morador				
	M1	M2	M3	M4	M5
Loc. Continente no mapa mundi.	N	S	S	S	NR
Loc. País no Continente.	S	S	S	S	S
Loc. Estado no mapa do Brasil.	S	S	S	S	S
Loc. Cidade de Goiás.	S	S	S	S	S

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Legenda: S - SIM; N – Não; NR – Não Responderam

Após as respostas sobre as localizações nos mapas, os moradores foram solicitados a responder a um questionário.

Dos cinco moradores que responderam ao questionário, quatro eram mulheres e um homem. Desses, dois têm 28 anos e um tem 23; outro tem 60 anos; um deles não informou a sua idade.

Dos cinco moradores que responderam ao questionário, três residem no centro, um no bairro João Francisco e outro no setor Rio Vermelho. Dois dos moradores são naturais de Goiás, um de Brasília-DF, um de Xinguara-PA, um de Itapuranga-Go.

Quanto ao grau de escolaridade quatro têm ensino superior, dois são formados em Turismo, um em Direito, outro em Serviço Social e somente um possui o ensino médio. Em relação à profissão das cinco pessoas que responderam ao questionário, uma é advogada, a outra maquiadora, uma recepcionista, outra vendedora e um ferreiro.

Dos cinco entrevistados que responderam sobre as dificuldades das atividades realizadas, duas pessoas acharam fácil. E um disse que não encontrou dificuldades. Apenas dois moradores apresentaram dificuldades, e um disse que foi difícil localizar o Brasil no mapa-múndi; o outro disse que foi difícil desenhar o percurso entre a Praça do Coreto e o mercado municipal.

À pergunta sobre a utilidade do mapa, os cinco entrevistados apresentaram as seguintes respostas: o morador 1 disse que é importante para fazer a localização territorial. O morador 2 disse sim, por meio do mapa, podemos localizar os países, estados e municípios, são também importantes nas demarcações de terras. O morador 3 disse que sim, pois assim podemos identificar a nossa localização no mundo e a interferência das culturas, o clima, a economia dos países que nos cercam. O morador 4, disse que servia para a localização. E o morador 5 disse que a utilidade do mapa é que ele serve para localizar e encontrar o percurso e o local desejado então.

Sobre a pergunta se já havia utilizado o mapa para fazer algum percurso ou viagem, três entrevistados disseram que sim e dois não responderam. Os mapas utilizados foram o mapa turístico, mapa das rodovias, o mapa do Brasil, o estadual e o regional, o Quadro 2 mostra isso.

Quadro 2 - Mapas utilizados pelos moradores de Goiás para fazer alguma viagem ou percurso.

Morador	Mapa
M3	Rodoviário
M4	Estadual, regional e do Brasil.
M5	Turístico

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Sobre os locais mais frequentados pelos moradores e como eles fazem para se deslocarem, dois entrevistados responderam que vão à igreja, um deles disse que a praça, o outro não respondeu, e o último frequenta o centro histórico. Sobre o modo como eles se deslocam, quatro disseram que é a pé, dois de carro, um de moto, e outro disse que de vez em quando usa o GPS.

Quadro 3 - Lugares frequentados em Goiás pelos moradores.

Lugares	Quantidade de respostas
Igreja	2
Centro Histórico	2
Praça	1
Supermercado	1
Casa de parentes	1

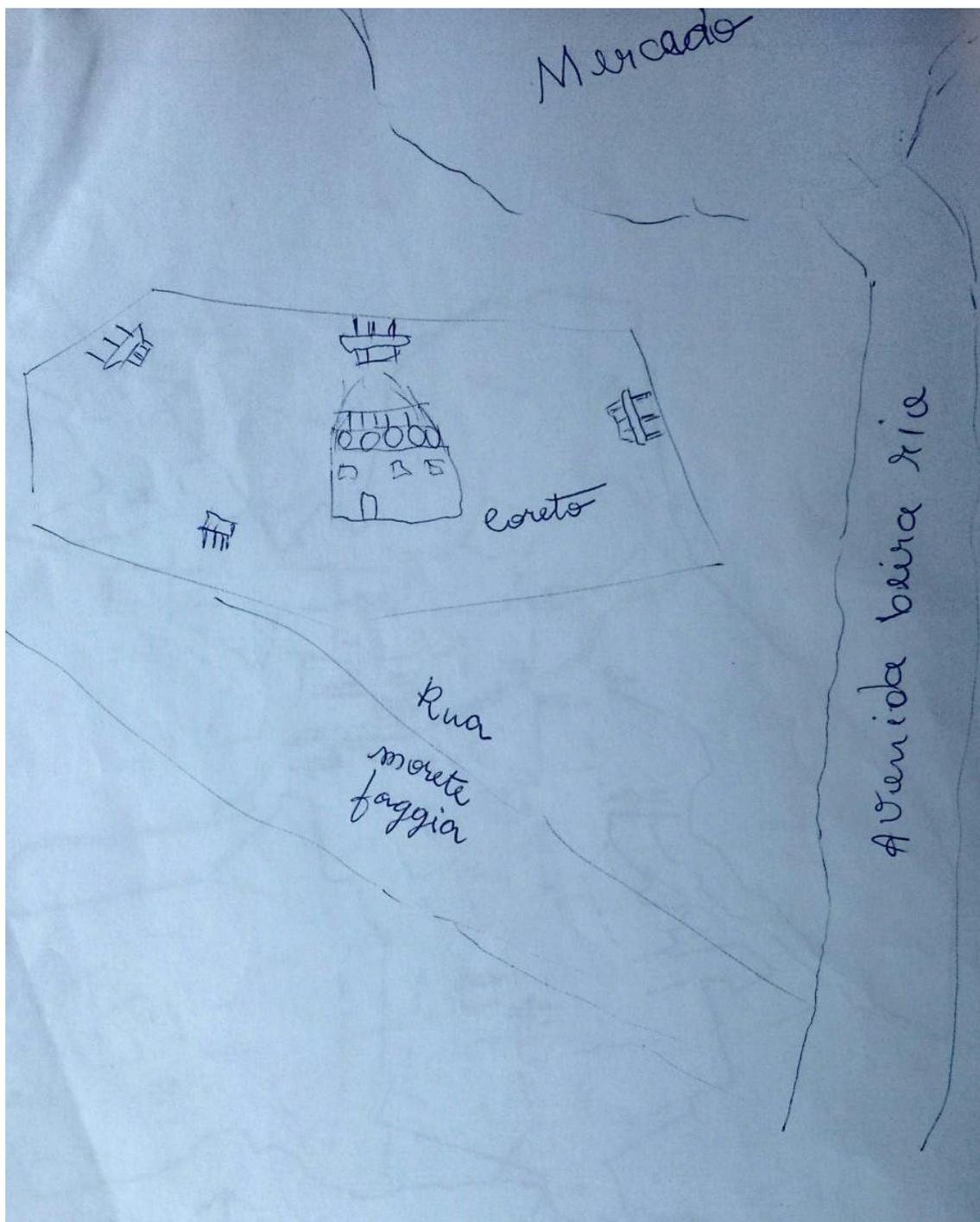
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Quando alguém pede informações de como chegar a um determinado lugar, os entrevistados explicam de maneira mais fácil: dois responderam que indicam o ponto de referência; um morador usa o mapa e outro disse que explica apenas usando as terminologias “direita” e “esquerda” para indicar as direções.

Ao responderem sobre o estudo do mapa nas escolas, todos os cinco entrevistados responderam que isso aconteceu. Em relação ao que faziam com o mapa, dois não responderam, outros dois disseram que estudavam sobre localização do Estado, outro fazia maquetes, cartazes, estuda nomes de países, estados e capitais.

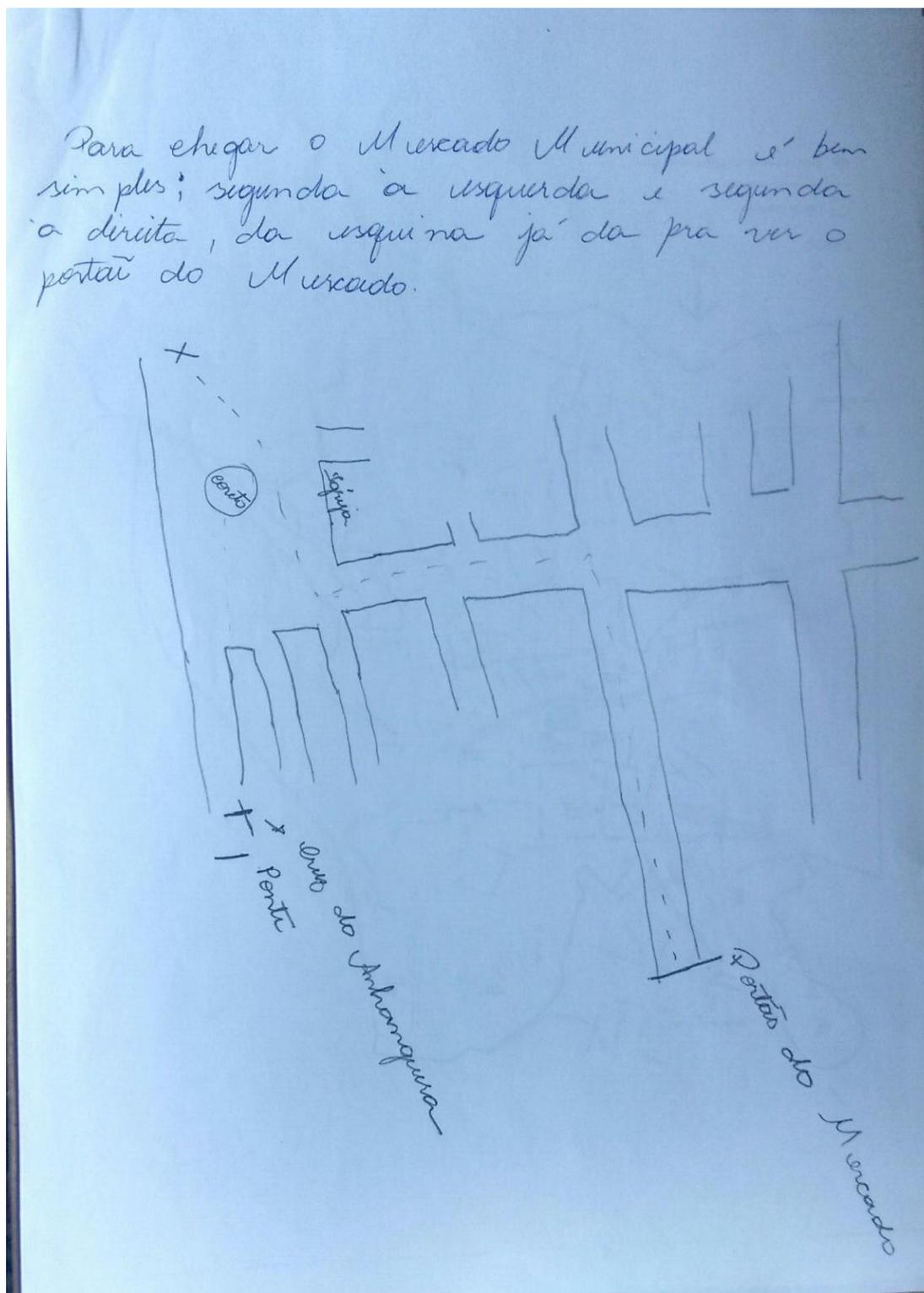
Os mapas de 1 a 5 são de autoria dos cinco entrevistados e são a representação mental, portanto, empírica, do espaço compreendido entre a Praça do Coreto e o Mercado Municipal da cidade de Goiás. A categoria aí pesquisada é de moradores da cidade de Goiás.



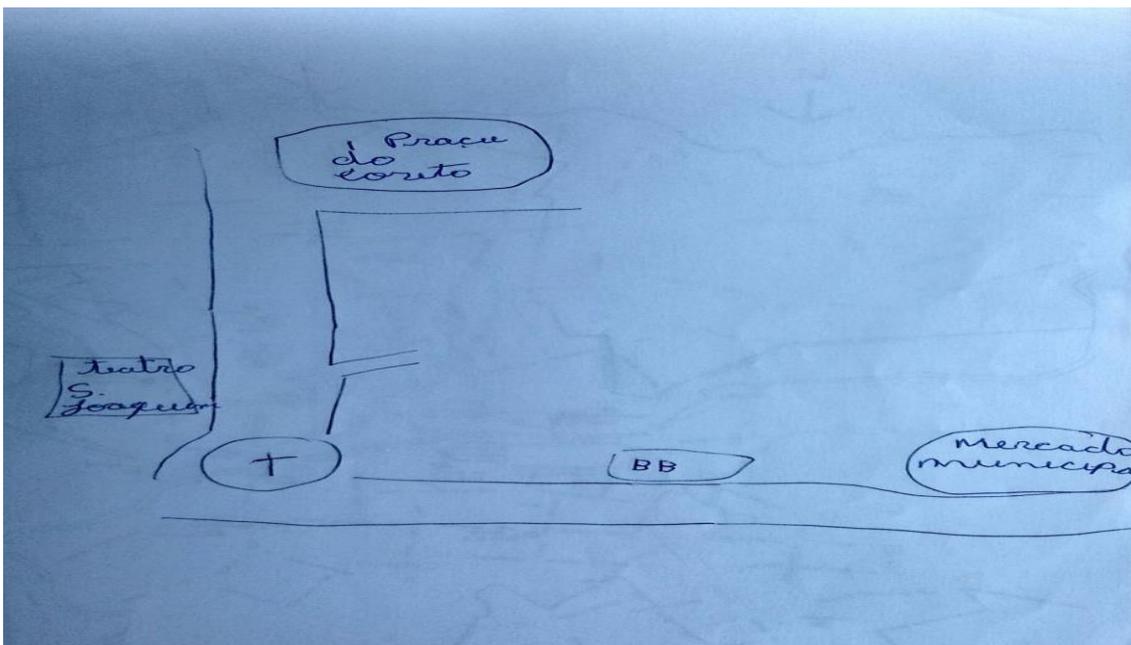
Mapa mental 1 - Morador 2: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás - GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



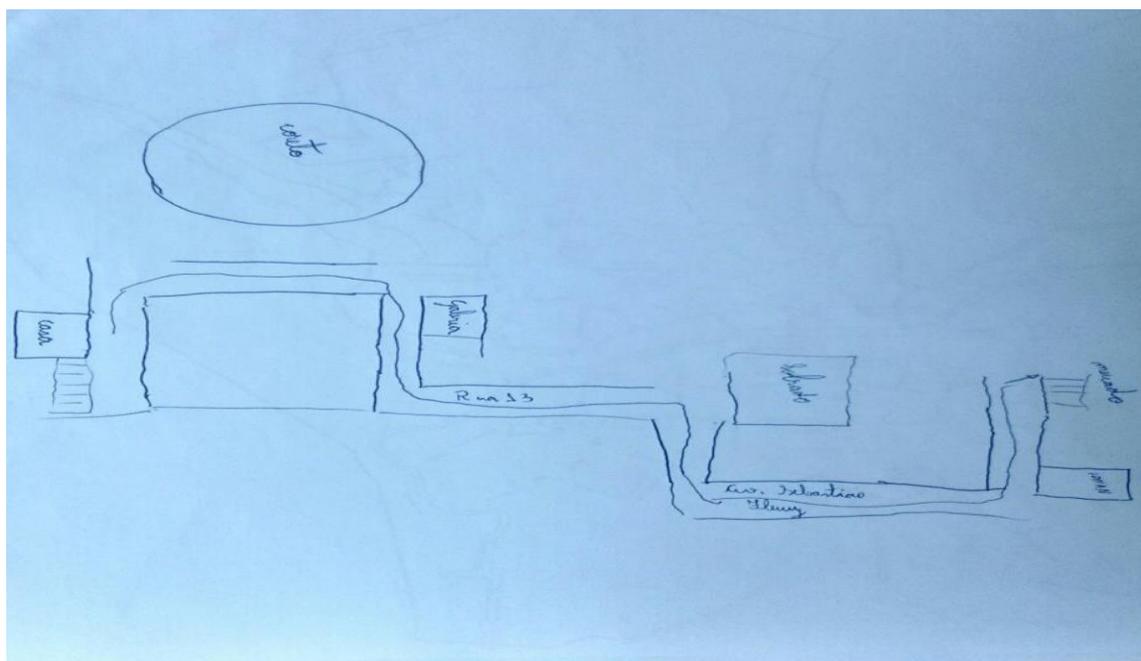
Mapa mental 2 - Morador 4: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 3 - Morador 5: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 4 - Morador 1: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 5 - Morador 3: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Os cinco entrevistados souberam representar o percurso Praça do Coreto-Mercado Municipal no mapa que desenharam. Em relação ao percurso feito, três entrevistados ilustraram o caminho que passa pela Av. Beira Rio (mapas 1, 2 e 4), e apenas dois

moradores ilustraram o caminho feito pelas ruas internas do centro histórico, passando pelo endereço do Lyceu de Goyaz, pela rua 13 de Maio (mapas 3 e 5). Portanto, os pontos de referência estão ligados por percursos diferentes, conforme os mapas mentais dos entrevistados.

Os pontos de referências utilizados pelos moradores foram o Teatro São Joaquim (2 M1 e M4), o Banco do Brasil (M.1), a igreja Catedral e a Cruz do Anhanguera (M.5).

As referências de localização utilizadas foram apenas as referências locais, com base nos nomes das ruas e avenidas, o que foi feito em quatro mapas (M3, M2, M4 e M5).

O mapa do morador 1 não citou o nome das ruas e focou principalmente nos pontos de referências como os prédios do Teatro São Joaquim e do Banco do Brasil.

Os mapas desenhados pelos moradores revelam que eles conhecem bem a cidade na qual residem. No entanto, percebemos também que os mapas dos moradores do centro são mais “Cartesianos” e apresentam o percurso compreendido entre a Praça do Coreto e o Mercado Municipal com uma nitidez melhor, ao enfatizar os pontos de referências e as principais ruas (M.1, M3 e M.4). Os mapas dos moradores do João Francisco e do Setor Rio Vermelho são mapas cujo percurso não está claramente marcado (mapas 4 e 5). Isso mostra quão importante é a vivência espacial na representação mental das pessoas. Dois moradores do setor Rio Vermelho apresentaram-se menos familiarizados com os espaços indicados, no sentido de representá-los por meio dos mapas mentais. Explica-se que esses moradores foram escolhidos por sua disponibilidade em colaborar com a pesquisa, tendo em vista que outros moradores da Praça do Coreto e ou região adjacente não se dispuseram a colaborar.

Contudo, o fato de dois dos entrevistados pertencerem ao setor Rio Vermelho serviu como parâmetro para podermos dizer que as experiências do homem com o espaço tem relação com os modos de representação desse espaço. As pessoas representam com maior facilidade as localidades em que vivem. Os mapas mentais, portanto, mostram a compreensão mental que elas têm dos seus espaços, daí a importância da cartografia para a localização espacial.

3.2 A Relação dos Comerciantes da Cidade de Goiás com o Mapa

A pesquisa foi realizada também com comerciantes locais que possuem seu ponto comercial localizado em torno da Praça do Coreto. Essa categoria se compôs de três homens e duas mulheres cuja faixa etária varia de 23 (vinte e três) a 52 (cinquenta e dois anos), sendo que 04 deles são naturais da cidade de Goiás e o quinto da cidade de Trindade. Sua escolaridade está assim descrita: 01 com ensino fundamental completo, 03 com ensino médio completo e 01 com ensino superior também completo. Este último com formação em Gestão em Segurança Pública. Suas profissões variam entre balconista, comerciante e artesão. Todos os profissionais pesquisados nesta categoria responderam saber (“sim”) a localização do continente americano no mapa-múndi, do Brasil no continente, do Estado de Goiás no Brasil e da cidade de Goiás no Estado de Goiás, como mostra a tabulação do quadro abaixo.

Quadro 4 - Resultado do uso dos mapas pelos comerciantes da cidade de Goiás/GO de 2015.

Categoria comerciante	C1	C2	C3	C4	C5
Loc. Continente no mapa-múndi.	S	S	S	S	S
Loc. País no Continente.	S	S	S	S	S
Loc. Estado no mapa do Brasil.	S	S	S	S	S
Loc. Cidade de Goiás.	S	S	S	S	S

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Legenda: S - SIM; N – Não; NR – Não Responderam

Quanto à questão relativa às dificuldades nas atividades realizadas e à utilidade dos mapas, o resultado da pesquisa com a categoria comerciantes ficou assim representado: 01 deles declarou não ter dificuldades, outro considerou difícil localizar estados, regiões; um terceiro achou difícil “prestar atenção nas perguntas”, o quarto não achou muito difícil a atividade, e o quinto encontrou dificuldade para desenhar o percurso Praça do Coreto-Mercado Municipal.

Sobre a utilidade do mapa, as respostas variaram entre ser importante para nos localizarmos, para identificar a origem e as localidades onde as pessoas residem, para

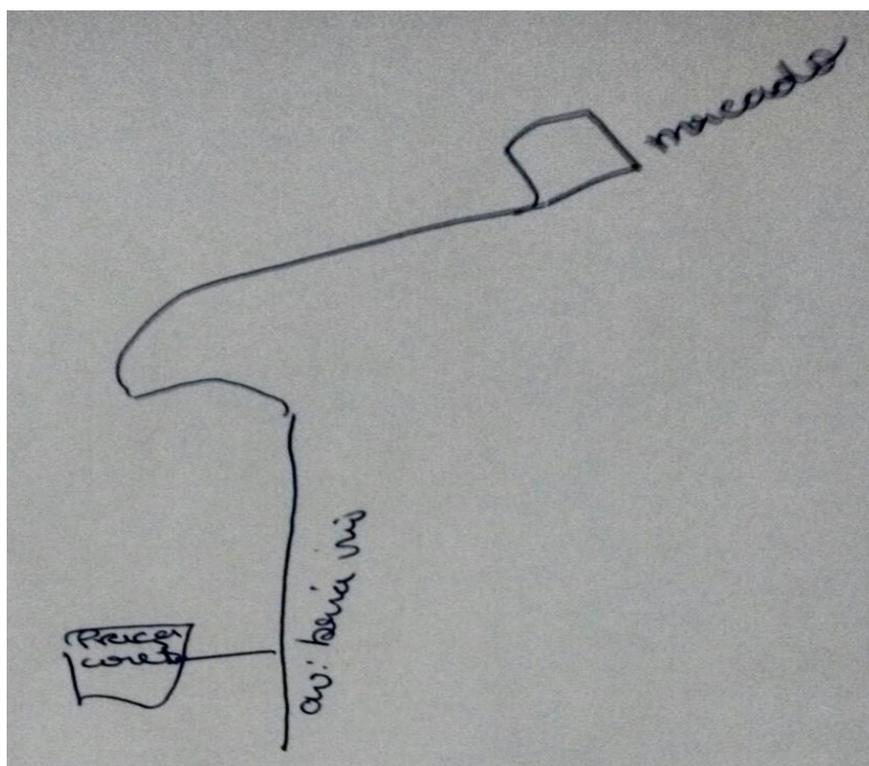
deslocamento de uma cidade a outra e também para identificar os estados e as regiões, geograficamente falando.

Sobre ter usado o mapa para auxiliar no percurso e no trajeto de alguma viagem, o resultado da pesquisa constatou que 02 dos comerciantes já fizeram uso de mapa para chegar à localidade desejada; outros 03 responderam que nunca fizeram uso de mapas nas suas viagens.

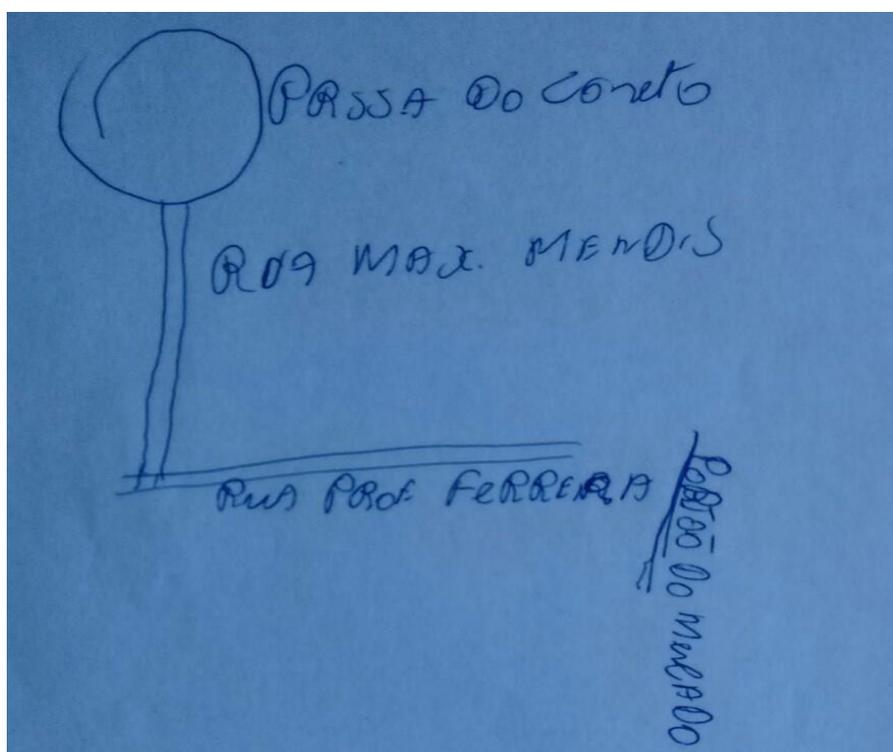
De modo geral, as pessoas pesquisadas se locomovem com facilidade pelos lugares que já conhecem bem, mas quando isso não acontece, elas lançam mão do uso de mapas para si situarem no espaço físico-urbano. E as pessoas inquiridas quanto à informação para quem não conhece as localidades respondem com os termos “à esquerda” e “à direita” quando não dispõem de outros recursos para informar com clareza e exatidão. Algumas vezes, informam a partir de um ponto de referência já conhecido e, ainda, informam o CAT (Centro de Atendimento ao Turista) como lugar onde se pode obter informação segura. Quanto à utilização do mapa na escola, os estudos e as atividades privilegiavam a localização dos continentes, países, regiões, estados, cidades etc.

Cada comerciante entrevistado cada um respondeu, dois certo, uma pessoa sempre indica direito ou esquerda se passa perto de algum comércio outra pessoa manda procurar o Cat, e apenas uma fala sobre o ponto de referência.

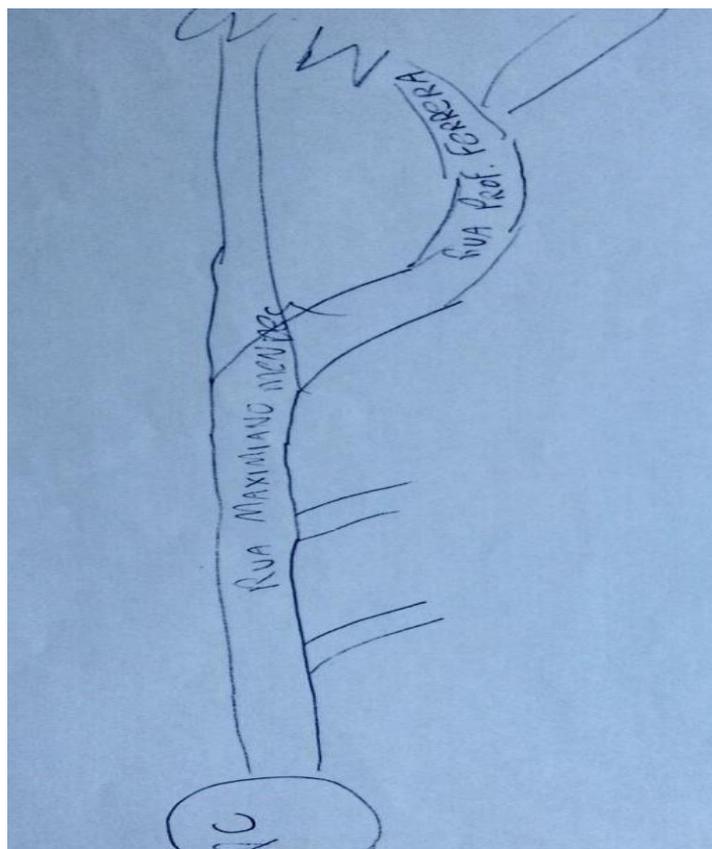
Ao realizar os mapas mentais sobre o percurso direcionado, houve destaques para o teatro São Joaquim, os bancos, a Cruz do Anhanguera, a saída da Praça do Coreto, a Avenida Beira-rio, a loja de perfumaria O Boticário, a Rua 15 de Novembro e o Mercado Municipal, a Rua Maximiano Mendes, Rua Professor Ferreira e o portão do mercado, a Rua Moretti Foggia e a panificadora Central. Algumas dessas localidades se repetiram nas indicações de alguns dos entrevistados.



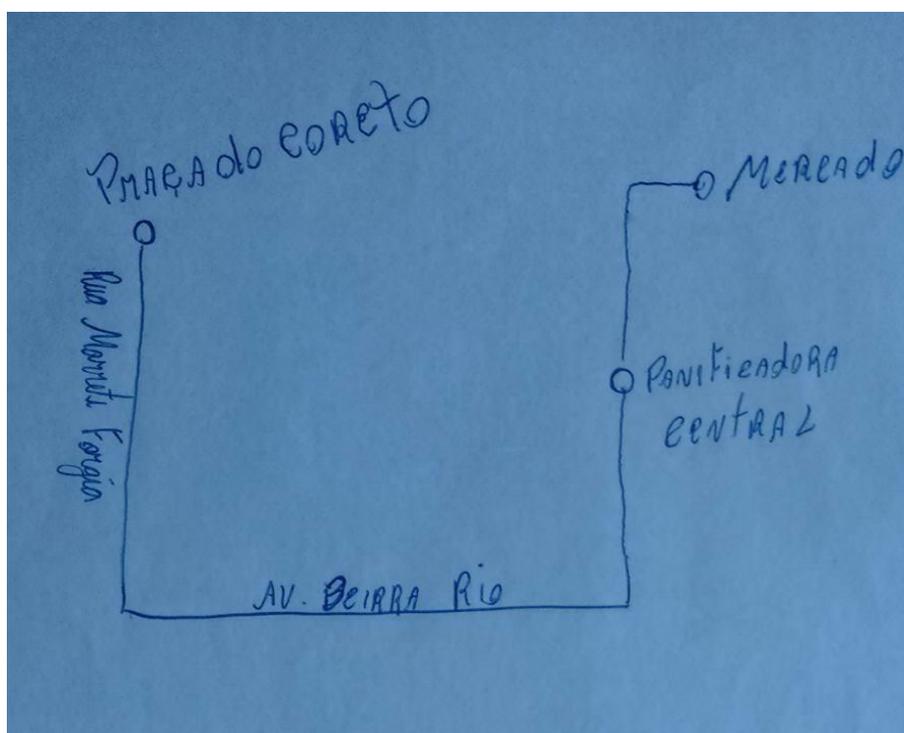
Mapa mental 1 – Comerciante: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



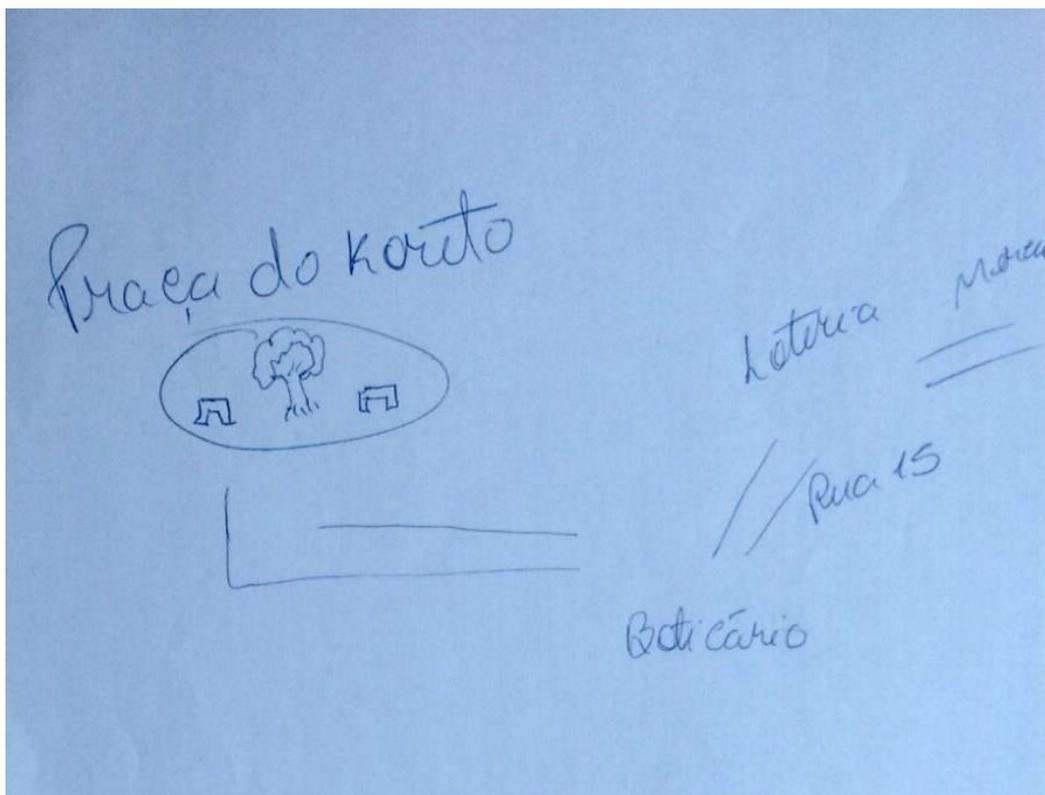
Mapa mental 2 – Comerciante: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 3 – Comerciante: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 4- Comerciante: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 5 - Comerciante: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO.

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Analisando os mapas mentais desenhados pela categoria comerciantes, percebe-se um traçado mais simples em relação ao traçado apresentado nos mapas mentais feitos pela categoria moradores. Basicamente, os comerciantes indicam o ponto de partida (Praça do Coreto) e, para chegar ao outro extremo, o destino (Mercado Municipal), linhas ora curvas, ora retas, ora paralelas indicando o trajeto. Importante destacar que todos conseguem, entretanto, marcar o espaço urbano indicado, mostrando que são conhecedores do espaço urbano em que residem.

3.3 A Relação dos Turistas na Cidade de Goiás com o Mapa

Uma terceira categoria pesquisada foi um grupo de cinco turistas que visitam regularmente a cidade de Goiás, e o resultado da pesquisa sobre seu conhecimento e sua habilidade para representar os espaços indicados, ficou assim constatado na tabulação 03: quatro entrevistados responderam “sim” à questão da localização do continente americano no mapa-múndi; somente um deles respondeu “não” a essa questão. A respeito da localização do Brasil no continente e do Estado de Goiás no Brasil, todos os entrevistados

responderam afirmativamente. Sobre localizar a cidade de Goiás no mapa, apenas uma pessoa não respondeu; as outras quatro responderam que “sim” em relação a apontar a localização.

Quadro 5: Resultado do uso dos mapas pelos turistas

	T1	T2	T3	T4	T5
Loc. Continente no mapa-múndi.	N.R	S	S	S	S
Loc. País no Continente.	S	S	S	S	S
Loc. Estado no mapa do Brasil.	S	S	S	S	S
Loc. Cidade de Goiás.	N R	S	S	S	S

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Legenda: S - SIM; N – Não; NR – Não Responderam

No questionário, o grupo de turistas pesquisado se identifica por apresentar dois homens e três mulheres, e sua faixa etária varia entre vinte e quatro e cinquenta anos de idade, conforme indicação abaixo:

Sexo: Homem=2 Mulher=3

Quadro 6: Indicador da faixa etária dos turistas entrevistados

T1	T2	T3	T4	T5
46	38	24	45	50

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Em relação às origens dos turistas pesquisados, sua naturalidade indica os municípios de Mozarlândia, Faina, Goianira e Goiânia, ambos no Estado de Goiás. Sua residência está localizada nos seguintes bairros: Centro, Setor Botânico e Conjunto Riviera. Dois deles são moradores do município de Faina, e os demais pertencem, cada um, a um município supracitado.

Percebe-se que Goiás recebe turistas de várias localidades, e sua escolaridade vai do ensino fundamental ao ensino superior, sendo que suas profissões variam entre comerciante, professor, artista plástico, gerente comercial e ceramista.

Sobre as questões apresentadas no questionário, um dos entrevistados achou a atividade fácil, pois ele tinha conhecimento sobre a leitura de mapas; dois deles acharam difícil o desenho do percurso, um outro a identificação de mapas e outro não teve dificuldades.

Para uma primeira análise sobre as representações cartográficas com turistas, constatou-se que todos já fizeram o uso dos mapas e todos discorreram sobre cada utilidade desse recurso: um para se locomover de um espaço para outro; outros várias, por exemplo, para identificar os endereços; o outro utilizou para não ficar perdido, um para facilitar localização e o outro para o conhecimento geográfico do planeta.

Em relação à utilização do mapa, percebe-se que quatro disseram sim, utilizaram; apenas um não utilizou. Dentre os quatro que usaram o mapa, um deles fez uso do mapa Rodoviário, dois fizeram uso do mapa do Estado de Goiás, outro do mapa do Brasil e um deles não respondeu.

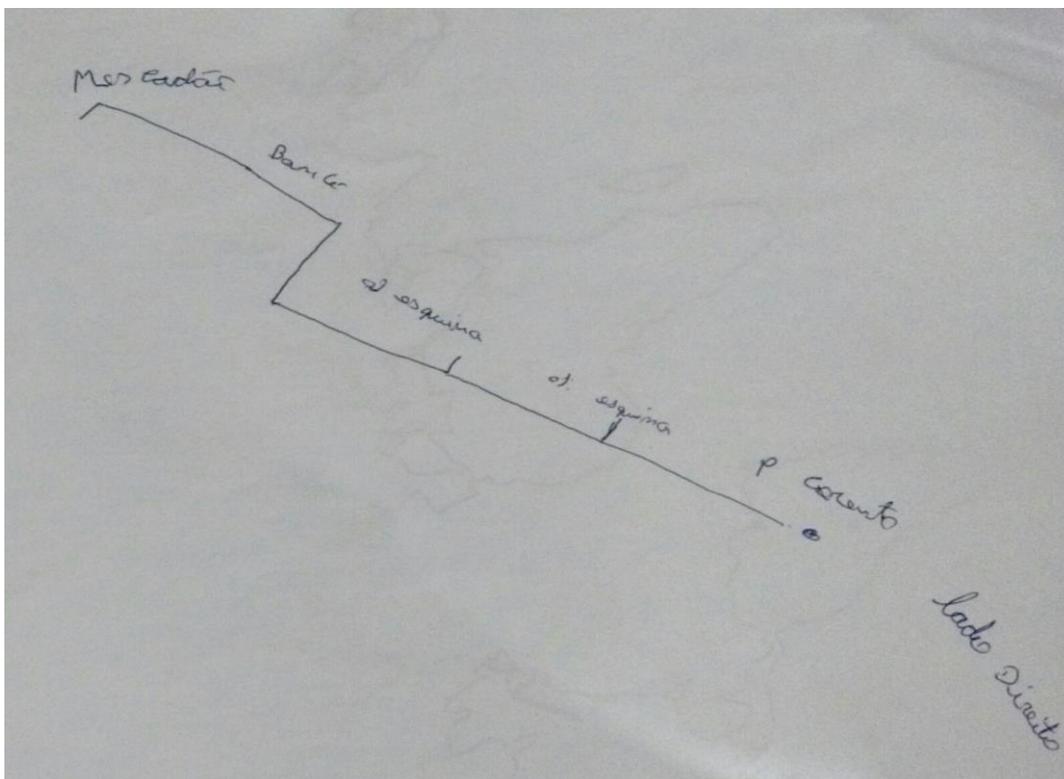
Os turistas pesquisados frequentam, na cidade de Goiás, locais como hospitais, Praça do Coreto, bancos, Subsecretaria, de Educação, Largo da Carioca, Laticínio (atual Praça de Eventos), drogarias, supermercados e centro histórico. Para o acesso a esses lugares a utilização do mapa teve grande importância. Apenas um entrevistado não fez nenhuma utilização do mapa. Hospitais, praça do coreto.

Sobre o deslocamento e o acesso aos lugares descritos, os entrevistados disseram que vão a pé ou usam carro, bicicleta e ainda escolhem o trajeto mais fácil, e para isso, têm em mente os mapas mentais para sua localização, visto que não se trata da primeira visita à cidade de Goiás.

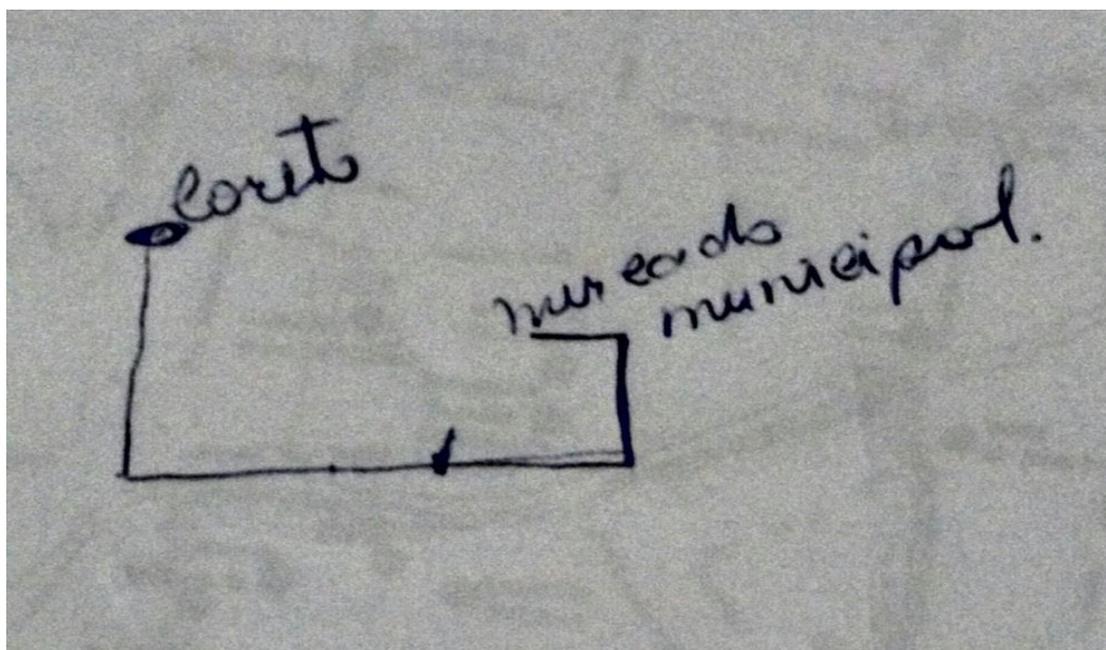
Todos eles já estudaram os mapas na escola, mas apenas dois deles responderam com certeza sobre o estudo das peculiaridades regionais e a localização dos estados brasileiros. Os demais entrevistados disseram não se lembrar muito bem da utilização do mapa para estudos na escola.

Nas representações do mapa mental, cujo percurso compreende a Praça do Coreto até o Mercado Municipal, nota-se que a maioria usa como ponto de referência o posto, banco, teatro, a Cruz do Anhanguera, Casa do Doce, Avenida Beira-rio. Dos cinco entrevistados, apenas um não soube desenhar o percurso.

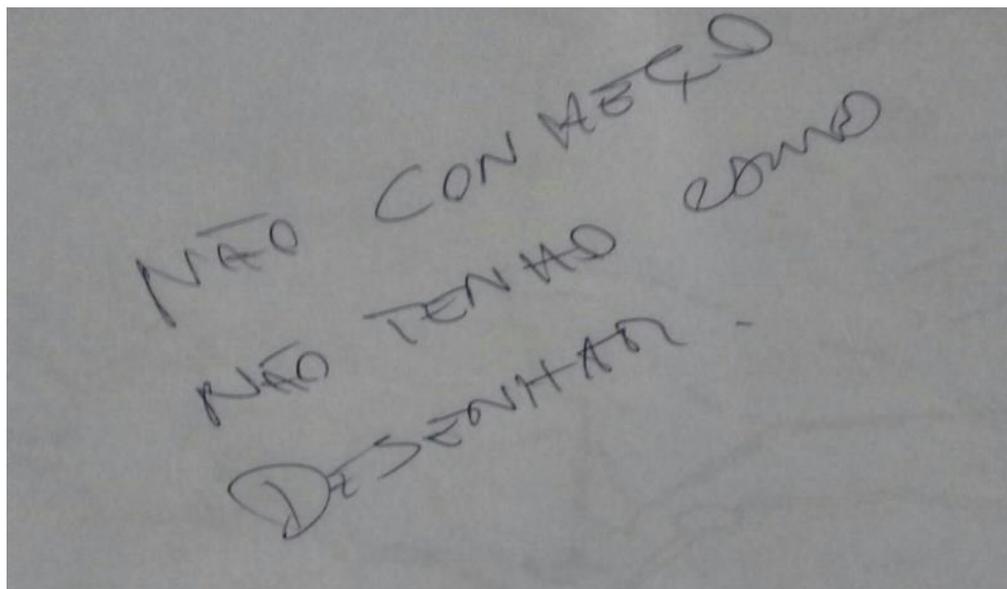
Na localização dentro do mapa da cidade de Goiás, não houve nenhum erro para fazer o trajeto indicado, como consta nos mapas desenhados pelos turistas.



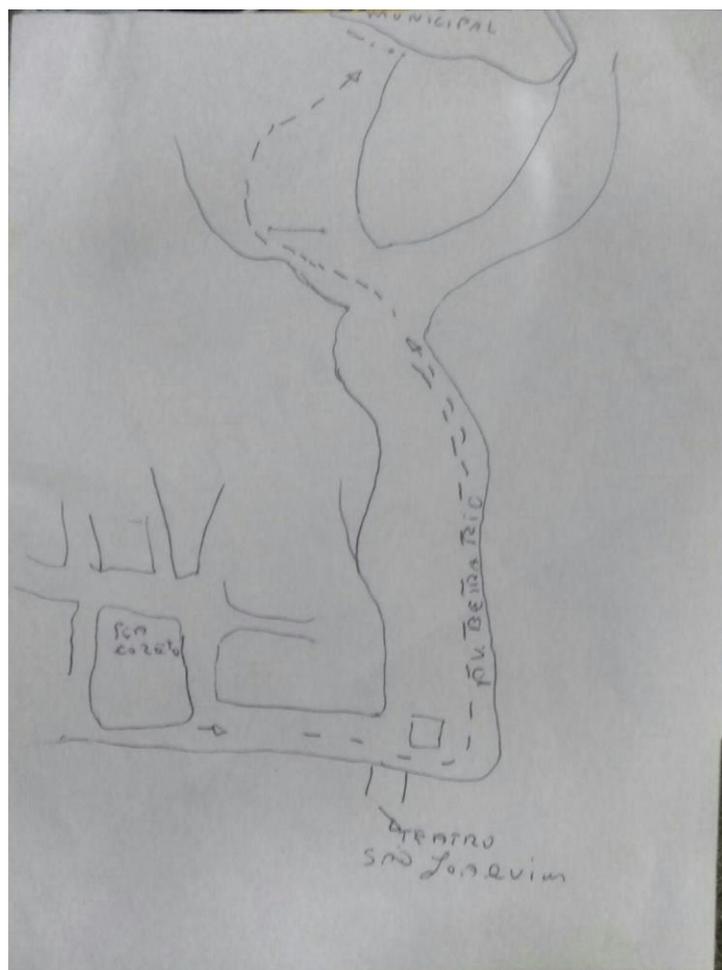
Mapa mental 1 – turista 1: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 2 - Turista 2: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 3 - Turista 3: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 4 - Turista 4: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 5 - Turista 5: Percurso da Praça do Coreto ao Mercado Municipal de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Constata-se que apenas dois dos mapas apresentam um traçado mais elaborado, com as indicações das vias de acesso e dos pontos que servem de referência como o Teatro São Joaquim, a Caixa Econômica Federal, a Rádio, a Casa do Doce (mapas dos turistas 3 e 5). Os mapas dos turistas 1 e 2 utilizam de traçados de linhas retas, indicando basicamente os pontos de saída e de chegada do trajeto indicado, sendo que o mapa do turista 1 indica, por nomes, a distribuição de referências durante o percurso marcado. Já o turista 5 não desenhou o mapa mental, por não conhecer o trajeto indicado pela pesquisa.

Portanto, a categoria turistas, tal como as categorias moradores e comerciantes, mostrou que é importante o uso do mapa mental ou das noções de cartografia para mentalizar o espaço físico/urbano, a fim de locomover e situar-se.

3.4 A Relação dos Jovens Escolares da Cidade de Goiás com o Mapa

A categoria alunos do Colégio Estadual de Aplicação Professor Manuel Caiado foi escolhida para que pudéssemos investigar o seu raciocínio geográfico. São estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Constatou-se que apenas um dos cinco alunos entrevistados não respondeu à questão sobre localizar o continente Americano no mapa-múndi. Às demais questões, os cinco discentes pesquisados responderam afirmativamente, como mostra o quadro de tabulação:

Quadro 7: Resultado do uso dos mapas pelos estudantes da Cidade de Goiás-GO, 2015.

	A1	A2	A3	A4	A5
Loc. Continente no mapa-múndi.	S	S	NR	S	S
Loc. País no continente.	S	S	S	S	S
Loc. Estado no mapa do Brasil.	S	S	S	S	S
Loc. Cidade de Goiás.	S	S	S	S	S

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Autora: Neuza Aparecida de Souza

Legenda: S - SIM; N – Não; NR – Não Responderam

Como resultado dessa análise, é possível dizer que os conhecimentos geográficos ensinados na escola têm importância na vida prática.

O grupo de alunos entrevistados se compôs de três homens e duas mulheres com idade entre 17 e 19 anos, com residência nos seguintes endereços: Setor Aeroporto; na Rua 1, Jardim Vila Boa e Goiás 2. Somente um dos pesquisados não informou seu endereço (aluno 4). Todos eles são naturais do município de Goiás. As profissões que exercem são garçom, e ceramista. Um deles é apenas estudante e o outro não possui profissão definida (estudante 2).

Quadro 8: Indicador dos bairros de origem dos estudantes pesquisados.

A1	A2	A3	A4	A5
Setor Aeroporto	Setor Aeroporto	NR	Rua 1, Jardim Vila Boa.	Goiás 2

Fonte: Pesquisa de campo (2015)**Autora:** Neuza Aparecida de Souza

Sobre o questionário, as respostas à primeira questão ficaram assim definidas: três dos entrevistados conseguiram localizar facilmente o Brasil no continente. Outros dois não consideraram fácil essa atividade.

Para esses estudantes, o mapa não possui utilidade (estudante 1), mas é útil para a localização geográfica, saber onde ficam os lugares quando viajam (demais alunos). Três deles já usaram o mapa para identificar o percurso de alguma viagem, contra outros dois que disseram não terem feito esse uso do instrumento cartográfico. Outro recurso também utilizado para a localização é o GPS, e os lugares que costumam frequentar na cidade de Goiás são a escola onde estudam, a Praça do Coreto, a Praça do Chafariz de Cauda, a Carioca e o centro histórico.

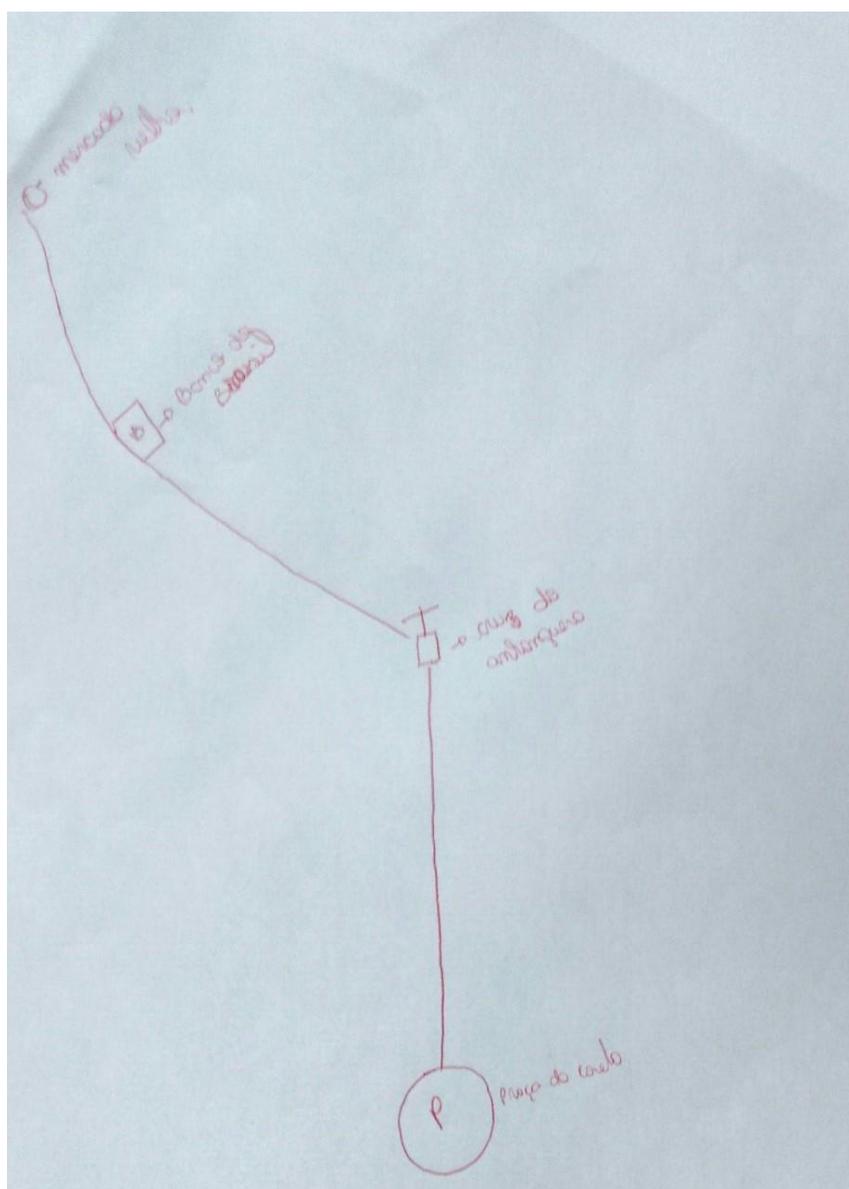
Dos alunos entrevistados um frequenta o colégio e a praça, os outros todos os lugares, um respondeu rios e comércios, um coreto, chafariz e carioca, em fim um o centro da cidade. Seu meio de locomoção varia entre andar a pé, usar o carro e a bicicleta.

Ao dar informações sobre os locais e endereços, os alunos pesquisados costumam indicar pontos de referências, usam a indicação de rotas e pedem para se orientarem pelas ruas da cidade (ir procurando informações pelo trajeto).

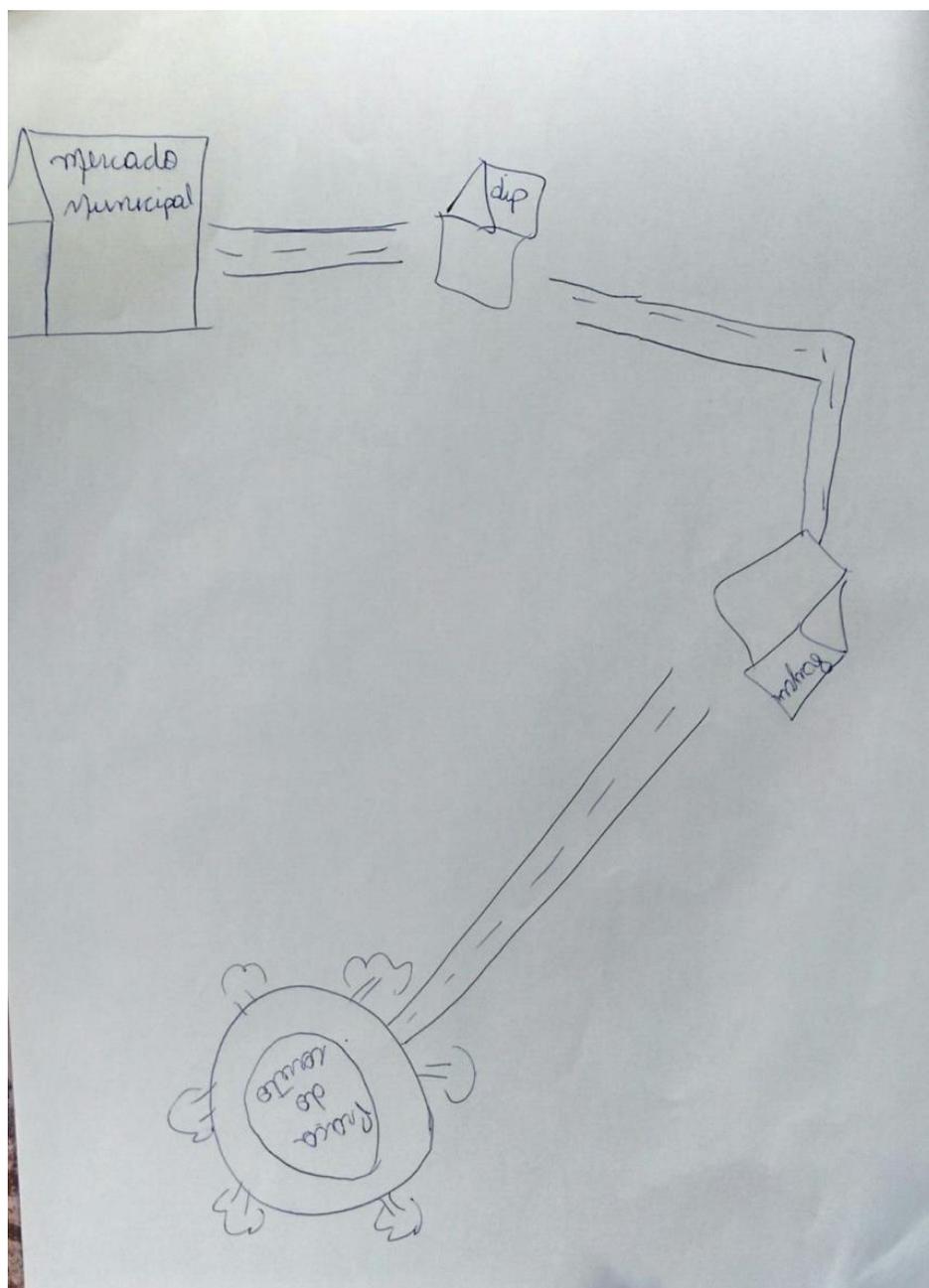
Na escola, o uso do mapa se limita, segundo os alunos, a identificar e localizar o estado e o município de Goiás, as regiões brasileiras e as principais cidades. Um deles disse que não se lembra mais de como era usado o mapa na escola.

Para complementar a pesquisa, é interessante salientarmos, com base na leitura do questionário do trabalho de campo, que os alunos fizeram o percurso do desenho dos mapas mentais, representando as mediações da Praça do Coreto ao Mercado Municipal. Desenharam pontos de referência para chegar ao local destinado. Os pontos destacados são, no geral, a Kuka fresca, Papelaria Dip, Estação do Sabor, Mercado, Café Central, o Hospital, Loja Barroso, Academia, Lyceu de Goyaz, Cruz do Anhanguera, Banco do

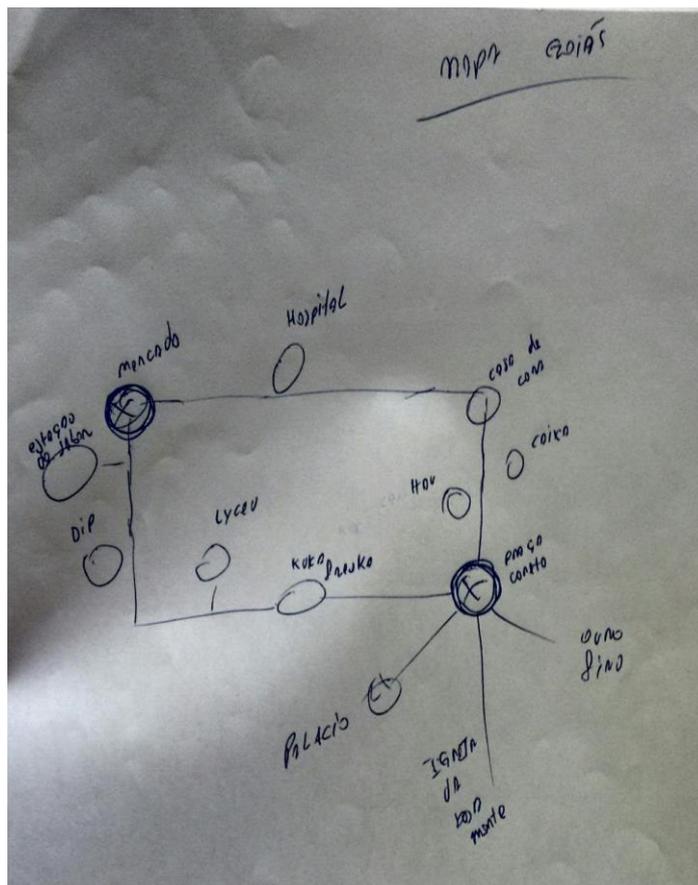
Brasil, Igreja da Boa Morte, Espaço Ouro Fino, Caixa Econômica Federal. Todos os alunos conseguiram encontrar o percurso executado no mapa da cidade de Goiás, como mostram os mapas mentais desenhados por eles.



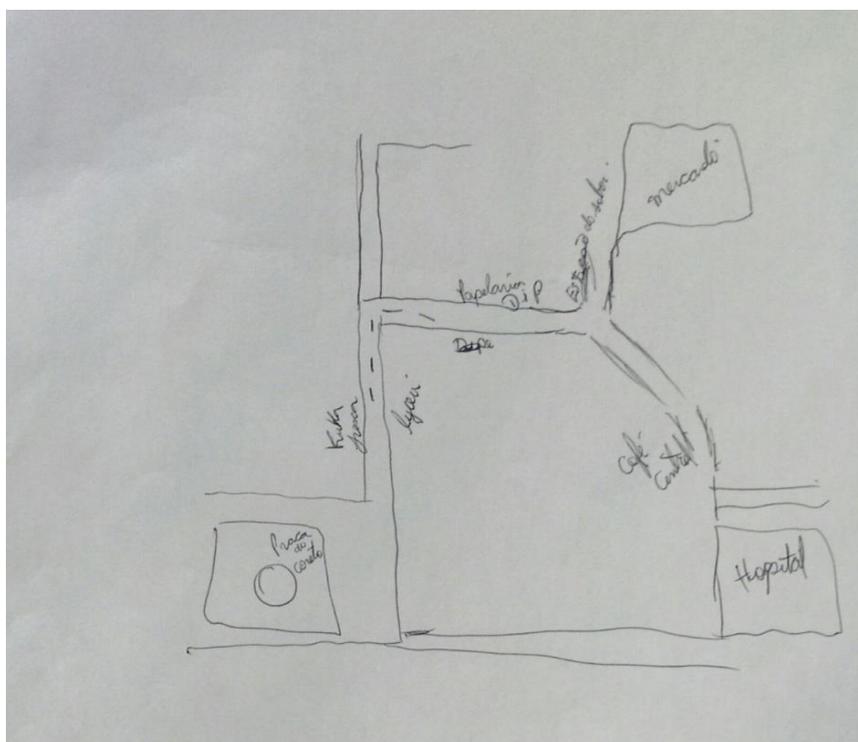
Mapa mental 1 – Aluno 1: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



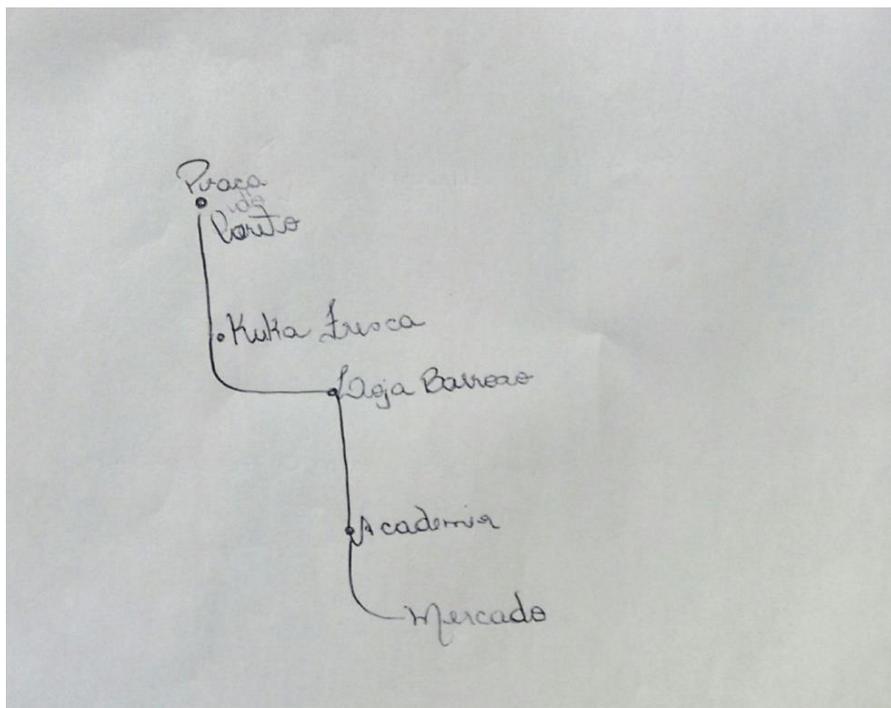
Mapa mental 2 - Aluno 2: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 3 – Aluno 3: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 4 – Aluno 4: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goiás-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)



Mapa mental 5 – Aluno 5: Percurso da praça do coreto ao mercado de Goi as-GO.
Fonte: Pesquisa de campo (2015)

Conclui-se que as categorias pesquisadas (moradores, comerciantes, turistas e alunos) utilizam de algum tipo de sinal ou informação para elaborar o mapa mental e se orientar pelo espaço urbano. Essa habilidade, porém, torna-se possível graças aos conhecimentos adquiridos previamente, quer seja pela experiência ou pela aquisição de um referencial em sala de aula, no ensino de Geografia.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tematizou-se sobre o ensino de Geografia e sua contribuição para o conhecimento do homem em relação ao espaço topográfico de circulação, sobretudo quando esse espaço compõe o traçado urbano.

Para a compreensão desse aspecto estudado pela Geografia, vimos que o conhecimento cartográfico se faz importante na sala de aula, pois a partir dele, é possível às pessoas a elaboração de mapas mentais que orientem a sua locomoção e a sua situação no espaço de vivência.

Dividido em três capítulos, o primeiro deles trouxe algumas contribuições teóricas sobre o valor da cartografia à leitura do espaço físico. Tratou-se de um momento de conceituação e discussão de algumas noções acerca do assunto. Vimos que todos os povos utilizavam de recursos gráficos para se locomoverem pelo espaço físico, portanto, descreveram-se a origem, o desenvolvimento e a importância da cartografia para o conhecimento humano.

Nos capítulos subsequentes, o que se discutiu foi, primeiramente, o papel do mapa mental na concepção do espaço das pessoas. Depois, descreveu-se uma pesquisa de campo realizada com moradores e comerciantes da cidade de Goiás e também com turistas que apreciam esta localidade.

A pesquisa utilizou de instrumentos como questionário e desenhos de mapas mentais, a fim de constatar como as pessoas representam, por meio da “cartografia empírica”, os espaços topográficos de sua vivência.

Constatou-se que as experiências e o conhecimento prévio das localidades, bem como as noções de cartografia são importantes para essa compreensão. Portanto, o ensino de Geografia nas escolas não pode abrir mão de seu papel de orientador do homem no conhecimento e nas suas relações com o meio geográfico.

Vimos que, de uma forma ou de outra, as pessoas mentalizam os lugares, desenham na mente o mapeamento que as orienta e as situa, possibilitando a sua locomoção a partir de símbolos que representam e referenciam lugares e situações.

O assunto não se esgota nesta pesquisa, contudo, mas nos mostra que é preciso ter, minimamente que seja um conhecimento ao menos nocional dos espaços em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Iazuco. **O espaço geográfico: ensino e representação.** – 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática do ensino.** In: ROSA, D.E.G. et al. **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia.** Goiânia: E.B.,2006, p.27-50.

DUARTE, Paulo Araújo. **Fundamentos de cartografia.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

ESPAÇO EDUCAR, atividades de mapas, espaço educar.net. 2009. Disponível em:<<http://www.espacoeducar.net/2009/02/mapa-mundi-atividade.html>>. Acessado em: Junho, 2015.

EYSENCK, M.W.,KEANE,M.T. **Psicologia cognitiva: um manual introdutório.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRANSCISCHETTI, Mafalda Nesi. **A cartografia no ensino de geografia: abordagens e metodologias para o entendimento da representação.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

KAERCHER, Nestro André. **A Geografia Crítica – alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino-aprendizagem de Geografia.** *Boletim Gaúcho de Geografia* (Porto Alegre: AGB-PA), v.1, n.1, p.45-65, jan.-jun,2002.

KATUTA, Ângela Massumi. **A educação docente: (re)pensando as suas práticas e linguagens.** *Revista Terra Livre.* (Presidente Prudente: AGB), ano 23, v.1, n.28, p.221-38, jan-jun. 2007.

KOZEL, Salette. **Mapas Mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas.** In: KOZEL, S. et al. (Orgs). *Da percepção e cognição à representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista.* São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: Neer, 2007. P.114-38.

IPHAN, **mapas turísticos: Cidade de Goiás.** [200-]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/36>. Acessado em Junho/2015

LIMA, José Alberto Evangelista. **Os dez mandamentos para se ler um mapa.** Mestre em Geografia pela UFG. Artigo não publicado, 2000.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em Geografia: Ensaio de história; epistemologia e ontologia do espaço** São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e congunitivo do mapa.** São Paulo 1978. Tese (Doutorado) – IGEOG-USP

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica.** Belo Horizonte: Lê 1994.

RICHTER, Denis. **Professor(a), para que erve este ponto aqui no mapa? A construção das noções espaciais e o ensino da Cartografia na formação do(a) pedagogo(a).** Presidente Prudente: 2004. Dissertação(mestrado) – UNESP.

SANTOS, Douglas. **Reinvenção do espaço: diálogos em todo da construção do significado de uma categoria.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SOUZA, Álvaro José de. **Ensinando a ler mapas.** O espaço do geógrafo: AGB/BAU – 2º Trim/99, p. 7, 1999.

APÊNDICE

APÊNDICE 01: Roteiro de entrevista aplicado com os comerciantes, moradores, alunos e turistas, na Cidade de Goiás-GO, 2015.

Pesquisa sobre a relação da pessoas com o mapa na cidade de Goiás

I – Identificação entrevistado

() Morador () Comerciante () Aluno
 () Turista, quantas vezes veio a Goiás? () uma () duas () + de três

II – Perfil

Sexo: () Homem () Mulher Idade: _____
 Cidade e bairro de Moradia: _____
 Quanto tempo vive nessa cidade: _____
 Cidade de nascimento: _____
 Qual sua escolaridade:
 () Ensino Fundamental () Ensino Médio
 () Ensino Superior, qual curso? _____ () Não foi à escola

Qual sua profissão: _____

III – Relação com o mapa

O que achou mais difícil nas atividades realizadas? _____

O mapa tem alguma utilidade, quais? _____

Já usou o mapa para fazer algum percurso ou viagem: () Não () Sim

Se sim:

Qual mapa: _____

Como foi a utilização _____

Quais lugares você mais frequenta em Goiás: _____

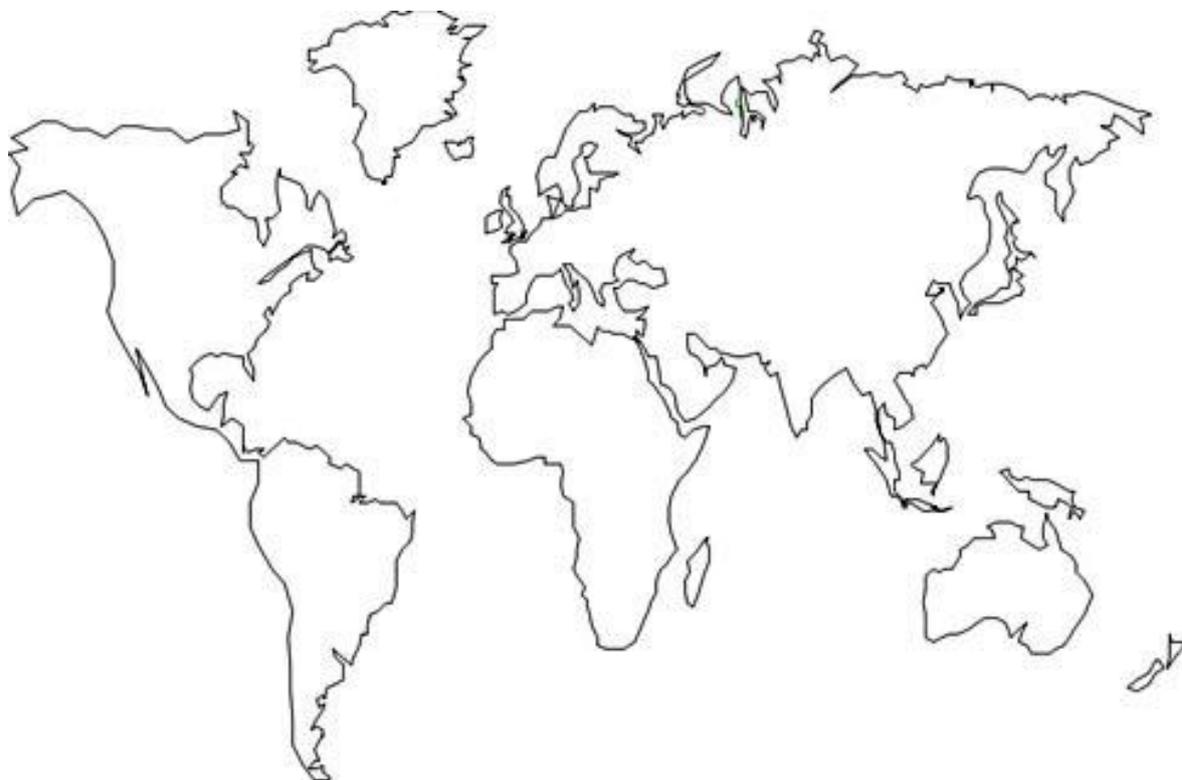
Como faz para se deslocar para esses lugares: _____

Quando alguém te pergunta como chegar em algum lugar de Goiás, como você responde: _____

Já estudou sobre o mapa na escola: () não () sim

Você lembra o que fazia com o mapa na escola: _____

ANEXOS

ANEXO 01: Mapa Mundi

Fonte: Espaço Educar (2009)

ANEXO 02: América do Sul



Fonte: Espaço Educar (2009)

ANEXO 03: Mapa do Brasil

Fonte: Espaço Educar (2009)

ANEXO 04: Mapa de Goiás - GO



Fonte: IPHAN (200-)